

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS LARANJEIRAS
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

ALYSSON RODRIGUES DE LIMA

**ESPAÇOS E SABERES DO TERREIRO FILHOS DE OBÁ EM LARANJEIRAS,
SERGIPE: ANÁLISE E INTERVENÇÃO ARQUITETÔNICA**

Laranjeiras

2016

Alysson Rodrigues de Lima

**ESPAÇOS E SABERES DO TERREIRO FILHOS DE OBÁ EM LARANJEIRAS,
SERGIPE: ANÁLISE E INTERVENÇÃO ARQUITETÔNICA**

Trabalho de Conclusão de Curso II de graduação
apresentado ao curso de Arquitetura e Urbanismo da
Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial
para a obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e
Urbanismo.

Autor: Alysson Rodrigues de Lima

Orientadora: Prof^a Ma. Raquel Kohler
Coorientadora: Prof^a Ma. Ana Karina Rocha

Laranjeiras

2016

Alysson Rodrigues de Lima

**ESPAÇOS E SABERES DO TERREIRO FILHOS DE OBÁ EM LARANJEIRAS,
SERGIPE: ANÁLISE E INTERVENÇÃO ARQUITETÔNICA**

Trabalho de Conclusão de Curso II apresentado ao curso de Arquitetura e Urbanismo da
Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel
em Arquitetura e Urbanismo.

Aprovado em: ____ de _____ de ____.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Ma. Raquel Kohler
Universidade Federal de Sergipe

Prof. Dr. Márcio Pereira
Universidade Federal de Sergipe

Arq. Me. Agripino Costa Neto
Membro Avaliador Externo

Dedico esse, A Deus e a Oxóssi.

Aos meus pais e irmã que foram companheiros em todas as horas.

AGRADECIMENTOS

A Deus, aos *Orixás* e toda espiritualidade, por serem extremamente cuidadosos, pacientes e piedosos comigo.

A minha orientadora Prof. Ma. Raquel Kohler, braço amigo de todas as etapas desse trabalho.

A minha coorientadora Prof. Ma. Anna Karina, que chegou no segundo tempo para aprimorar mais esse estudo.

A minha família, pela confiança e motivação em especial a minha prima Aline Lima que sempre esteve presente na minha graduação.

Aos meus amigos Acácio Santos, Amanda Dias, Ingrid Carvalho, Kyara Carregosa e Juliane Barbosa, pela força e energias positivas nessa jornada.

Aos professores e colegas do Departamento de Arquitetura e Urbanismo – DAU, pois juntos trilhamos uma etapa importante em nossas vidas.

Aos *Babalorixás* amigos e em especial a todos da Sociedade de Culto Afro Brasileiro Filhos de Obá, pela concessão de informações valiosas para a realização deste estudo.

A minha amiga/chefe Maira Prado que sempre me incentivou estudar mais para dar qualidade ao meu TCC.

A todos, mesmo que indiretamente colaboraram com boas intenções a realização e finalização desse trabalho.

“Quando o arco é de sonho
Toda flecha é de amor
Toda casa guarda um santo
A minha um caçador

Quando o arco é de Oxóssi
Toda flecha é de alegria
Todo agueré bem tocado
Me faz lembrar da Bahia”

Ifadeyin Fakolade

RESUMO

Este trabalho apresenta uma proposta de intervenção arquitetônica no terreiro de candomblé “Sociedade de Culto Afro Brasileiro Filhos de Obá” em Laranjeiras, Sergipe. Destaca-se sua importância na formação sociocultural e religiosa no município e seu reconhecimento pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e pelo Instituto do Patrimônio Cultural da Secretaria de Estado da Cultura de Sergipe. Das referências bibliográficas utilizadas destaca-se neste trabalho Bastide (2001), Carneiro (1991) e Leal e Oliveira (2005). Na proposta, foram colocados em prática o conhecimento técnico adquirido no curso de Arquitetura e Urbanismo, possibilitando adotar as soluções mais adequadas para atender as necessidades da comunidade, levando em conta o respeito as particularidades da religião e da Sociedade de Culto Afro Brasileiro Filhos de Obá.

Palavras-chave: Candomblé; Filhos de Obá; Laranjeiras; Intervenção Arquitetônica

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa com as principais rotas da escravidão mundial	13
Figura 2 – Hierarquia de um ritual do Candomblé.....	17
Figura 3 – Planta baixa do Terreiro de Candomblé Casa Branca, Salvador/BA	21
Figura 4 – Detalhe do barracão do Terreiro de Candomblé Engenho Velho até 1948.....	23
Figura 5 – “Vista aérea do terreno atualmente ocupado pelo Ilê Axé Iyá Nassô Oká e Adjacências	24
Figura 6 – Gradil Ilê Iyá	24
Figura 7 – Aspecto da Praça de Oxum	24
Figura 8 – Espécie arbórea acoco	26
Figura 9 – Espécie arbórea costela de adão.....	26
Figura 10 – Espécie arbórea cajazeira.....	26
Figura 11 – Espécie arbórea gameleira branca	27
Figura 12 – Espécie arbórea goiabeira	27
Figura 13 – Espécie arbórea jaqueira.....	27
Figura 14 – Espécie arbórea mangueira	27
Figura 15 – Espécie arbórea pèrègún.....	28
Figura 16 – Espécie arbórea pitangueira.....	28
Figura 17 – Localização de Laranjeiras	31
Figura 18 – Mapa turístico de Laranjeiras	32
Figura 19 – Lambe-sujo	33
Figura 20 – Certidão de tombamento da Sociedade de Culto Afro Brasileiro Filho de Obá .	35
Figura 21 – Detalhe do barracão da Sociedade da de Culto Afro Brasileiro Filho de Obá ...	36
Figura 22 – Edificação apoio da Sociedade de Culto Afro Brasileiro Filhos de Obá	37
Figura 23 – Entrada da Sociedade de Culto Afro Brasileiro Filhos de Obá	38
Figura 24 – Edifício apoio da Sociedade de Culto Afro Brasileiro Filhos de Obá	39
Figura 25 – Barracão da Sociedade de Culto Afro Brasileiro Filhos de Obá	39

Figura 26 – Museu comunitário da Sociedade de Culto Afro Brasileiro Filhos de Obá	40
Figura 27 – Área de festas da Sociedade de Culto Afro Brasileiro Filhos de Obá	40
Figura 28 – Início da trilha da Sociedade de Culto Afro Brasileiro Filhos de Obá	41
Figura 29 – Percurso da trilha da Sociedade de Culto Afro Brasileiro Filhos de Obá	41
Figura 30 – Fim da trilha da Sociedade de Culto Afro Brasileiro Filhos de Obá	42
Figura 31 – Gameleira branca da Sociedade de Culto Afro Brasileiro Filhos de Obá	42
Figura 32 – Vista Geral da Sociedade de Culto Afro Brasileiro Filhos de Obá	43
Figura 33 – Vista do gradil do MAM/BA	45
Figura 34 – Vista do gradil e Praça do Terreiro Gantois/BA	45
Figura 35 – Gradil do Terreiro de Candomblé Casa Branca/BA	46
Figura 36 – Vista da proposta da fachada	47
Figura 37 – Vista da proposta da rampa P.N.E	47
Figura 38 – Vista da proposta do espaço ajeum egbé	48
Figura 39 – Vista da proposta da escadaria e guarda-corpo da trilha	49
Figura 40 – Vista da proposta de reforma do barracão existente	50

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	O CANDOMBLÉ.....	13
2.1	A CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA NO BRASIL	13
2.2	ASPECTOS IMATERIAIS DO CANDOMBLÉ.....	15
2.3	ASPECTOS MATERIAIS DO CANDOMBLÉ COMO EXPRESSÃO DA ARQUITETURA POPULAR.....	19
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	29
4	OBJETO DE ESTUDO	31
4.1	A CIDADE DE LARANJEIRAS/SE	31
4.2	A HISTÓRIA DA SOCIEDADE DE CULTO AFRO BRASILEIRO FILHOS DE OBÁ - LARANJEIRAS/SE.....	33
5	PROPOSTA DE INTERVENÇÃO.....	44
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
7	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	52
	APÊNDICE – PRANCHAS DE PROJETO.....	54

1 INTRODUÇÃO

A prática do Candomblé surge da necessidade religiosa do povo africano, preconceituado por suas crenças em *orixás*, *voduns*, *nkisis*, por ser uma religião de “negros”. Ainda existem aqueles que achem nessa prática uma invenção brasileira descompromissada com as crenças e satisfação moral dos praticantes, visto que se fala de um ritual realizado num determinado ambiente simples e aberto àqueles que se sentirem chamados a participar.

Pensando na invalidade de alguns desses estereótipos e buscando novas formas de conservação cultural de uma nação, o presente trabalho aborda os aspectos materiais e imateriais dos terreiros de candomblé no que se refere ao culto das divindades africanas, tendo como objetivo principal o desenvolvimento de uma proposta de intervenção arquitetônica no terreiro da Sociedade de Culto Afro Brasileiro Filhos de Obá, pertencentes aos descendentes da “Nação Nagô”. Este terreiro é o mais antigo do Estado de Sergipe e está localizado no município de Laranjeiras.

Quanto ao espaço social deste terreiro, não se pode elencar muitas informações, uma vez que os participantes do grupo não explicitam muito sobre os rituais ou mesmo sobre as normas vivenciadas por eles.

Entretanto, em relação aos aspectos materiais, os terreiros de candomblé enquadram-se na categoria da “arquitetura popular” pelo fato de dessas comunidades serem edificadas através de saberes populares.

Sendo assim, a proposta de intervenção na Sociedade de Culto Afro Brasileiro Filhos de Obá objetivou a valorização dessa comunidade, dada sua importância na formação sociocultural e religiosa no município de Laranjeiras. A Sociedade “Filhos de Obá” é reconhecida pelo Instituto Histórico do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN e Instituto do Patrimônio Cultural da Secretaria de Estado da Cultura de Sergipe; em 2015 firmou com a Universidade Federal de Sergipe – CampusLar, especificamente com os cursos de Dança, Museologia, Arquitetura e Urbanismo (através do Escritório Modelo) ações de grande valia para a conservação dos bens imateriais e implementação de melhorias materiais nesta comunidade.

A partir das visitas *in loco* junto com a *Ialorixá*, responsável pelo terreiro, pode-se perceber que a existência de fechamento dos limites do terreno é causada pela insegurança percebida pela comunidade. Observa-se também problemas de infraestrutura e acessibilidade. A responsável pelo terreiro também salientou a necessidade de uma edificação para o desenvolvimento das práticas festivas no terreiro, bem como a estruturação de um caminho pela

mata existente que possibilite a visitação pública dos assentamentos localizados em vários pontos e a restauração do acesso principal ao terreno.

Além disso, foi mencionado pela responsável, que a Sociedade de Culto Afro Brasileiro Filhos de Obá encontra algumas dificuldades quanto aos recursos para implementação de melhorias e quanto aos encaminhamentos necessários junto aos órgãos públicos

O conhecimento adquirido durante a formação acadêmica, possibilitou encontrar soluções técnicas mais adequadas, levando em consideração as necessidades da comunidade do terreno, resguardadas sua tradição e hierarquia no processo de tomada de decisão.

O trabalho está dividido em quatro capítulos: o capítulo I aborda uma breve revisão bibliográfica sobre o Candomblé; o segundo trata da metodologia do trabalho detalhando os procedimentos utilizados para o seu desenvolvimento; o terceiro capítulo apresenta-se o objeto de estudo, a Sociedade de Culto Afro Brasileiro Filhos de Obá, localizada no município de Laranjeiras, SE; o último capítulo apresenta-se as propostas de intervenção.

O processo de aculturação se repetiu com os negros, tendo em vista que eles também foram proibidos de venerar e cultuar suas divindades. Além disso, foram propagadas ideias preconceituosas e distorcidas acerca dos cultos africanos, sendo estes chamados pejorativamente de macumba e os praticantes denominados como cultuadores do diabo, criando no imaginário social uma ideia preconceituosa com o intuito de menosprezar a religiosidade africana (ALMEIDA, 2015).

Logo, Ramos (2015) destaca que apesar da perseguição da igreja católica aos africanos escravizados, o culto dos seus deuses sobreviveu camuflado em meio às figuras cristãs. Os negros começaram a se organizar e a formar grupos para poder cultuar suas divindades sem que fossem percebidos, dando devoção a um santo específico da Igreja Católica como representação de uma das suas divindades africanas. Através dessas estratégias de cultuação, os santos católicos assumiram vários significados diferentes dos atribuídos pela Igreja Católica, culminando, séculos mais tarde, no surgimento das religiões afro-brasileiras como o Candomblé, a Umbanda, entre outras, particularmente no Nordeste do país.

O IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística disponibiliza os dados da distribuição brasileira por religião a partir de 1940, com periodicidade de 10 anos. Assim, nota-se que nos censos da década de 40 até a década de 90, a maioria da população brasileira se declarou como católico, seguido pela religião evangélica. Neste período constata-se um aumento considerável dos que se declaram “sem religião”. As religiões “não oficiais” brasileiras foram até 1991 enquadradas em “outras” estando aí incluído o Candomblé. Os dados da tabela demonstram que no período de 1940 a 1991 as religiões classificadas como “outras” apresentavam um baixo crescimento percentual.

Tabela 1 – Dados distribuição da população brasileira por religião de 1940 a 2010

Religião	1940	1950	1960	1970	1980	1991	2000	2010
Católicos	39.177.580	48.558.854	65.329.520	65.472.022	105.611.113	121.812.771	124.980.132	123.972.529
Evangélicos	1.074.657	1.761.430	2.824.775	4.614.728	7.685.846	13.189.285	26.184.941	42.275.440
Sem religião	87.330	274.236	353.607	701.701	1.953.096	6.945.285	12.492.403	15.335.510
Outros	794.274	1.232.071	1.648.949	2.133.040	3.011.331	4.271.562	2.787.414	4.423.570
Sem declaração	101.974	137.071	34.519	13.355	299.686	595.979	383.953	

Fonte: Adaptado de Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 2015²

² https://ftpftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Re.pdf. Acesso em 07 de Maio de 2015.

http://www.ibge.gov.br/todasasimplicar.php?sigla=se&tema=censodemog2010_relig. Acesso em 07 de Maio de 2015.

2.2 Aspectos Imateriais do Candomblé

Os candomblés vinculam-se a variadas *nações*³, por isso há diferentes heranças como: *angola, congo, jeje, euê, nâgo* (termo com que os franceses designavam todos os negros de fala ioruba), *queto, ijexá*. Cada nação apresenta características peculiares, como o toque o tambor, a linguagem dos cânticos, as canções, as vestes litúrgicas e até mesmo a nomenclatura das divindades, é através desses aspectos que se diferenciam as nações. (BASTIDE, 2001)

De acordo com Carneiro (1991), o culto *nagô*⁴ africano, caracterizado pela lealdade à terra de origem e pela própria interpretação do catolicismo, tornou-se praticado pela grande massa escrava do Brasil, inclusive os primeiros escravos vindos do Golfo da Guiné.

Para o Candomblé, *Ólorum* ou *Zania-pombo* é considerado o criador do universo, depois dele é seu filho *Oxalá*, o criador da humanidade. As demais divindades estão em uma posição inferior na condição de ajudantes do deus supremo, exercendo funções de delegados, agentes e ministros. Essas divindades são conhecidas como *orixás*⁵ ou *vôduns*⁶ na língua *nagô* ou *jêjê*, também conhecidos informalmente como santos, entidades, caboclos, encantados, entre outros.

Há uma hierarquia de poder entre as entidades que auxiliam o deus supremo; as divindades mais importantes são os *orixás* que dão ao homem métodos para vencer os obstáculos. No Brasil, no entanto, as divindades do culto *nagô* e *jêje* perderam seu poder hierárquico.

http://www.ibge.gov.br/todasasimprimir.php?sigla=se&tema=censodemog2010_snig. Acesso em 07 de Maio de 2015.

³ Tribo (na África). Cada povo africano forma uma nação – a nação nagô, a nação Angola, etc (CARNEIRO, 1961. p. 187).

⁴ A nação nagô, ou a etnia yorubá, seria do âmbito das formações imaginárias – identidades ou tradições inventadas para dar conta de eventos culturais, políticos e econômicos – que neste caso, começou a tomar a configuração atual, entre os anos de 1890 e 1940 – uma identidade “criada em uma sociedade crioula da ‘Costa’, que estava em constante diálogo com as nações religiosas emergentes da diáspora afro-latina (Matory, op. cit.: 272)”. Como o candomblé e o xangô são referidos como de modelo nagô, em termos das matrizes míticas africanas (as nações), no Recife – talvez para que não reste dúvidas das diferenças entre o nagô baiano e o nagô pernambucano – o termo nagô é utilizado apenas para o xangô e para o modelo baiano a denominação utilizada é o candomblé-de-nação (WIKIPEDIA, 2015).

⁵ Personificação e divinação das forças da natureza, que bem pode ser traduzida por *santo*, na acepção católica (CARNEIRO, 1961. p. 188).

⁶ Vodum, vodun, voodoo ou vodu são termos que se referem aos ramos de uma tradição religiosa baseada nos ancestrais que tem as suas raízes primárias entre os povos Ewe-Fon do Benim, onde é, hoje, a religião nacional, com mais de 7 milhões de adeptos. Além da tradição fon, ou do Daomé, que permaneceu na África, existem tradições relacionadas que lançaram raízes no Novo Mundo durante a época do tráfico transatlântico de escravos (século 16 - século 19) e que persistem até hoje, como o candomblé brasileiro, o vodu haitiano, a *santería* cubana, ovudu da Luisiana etc. "Vodum" pode designar tanto a religião quanto os espíritos centrais nessa religião (WIKIPEDIA, 2015).

Os cultos africanos são marcados pela presença de esculturas gravadas na madeira e barro (*ôxés*)⁷ que não representam exatamente as divindades, mas sim os seres humanos possuídos por elas. A exceção é a figura de *Exú*⁸, que aparece representada diretamente em barro, ferro, massa e madeira (CARNEIRO 1961. p. 22). No documento “Religião e Sincretismo de Jorge Amado”, Prandi (2015) destacam-se os orixás cultuados no Brasil:

Ajalá: criação;

Erinlé: mata que margeia os rios;

Euá: fontes;

Exu: mensageiro;

Iansã ou Oiá: ventos e raios;

Ibejis: gêmeos, protetores da infância;

Iemanjá: mar;

Ifá ou Orunmilá: jogo de búzios;

Iroco: gameleira branca;

Logum Edé: caça e da pesca;

Nanã: lama;

Obá: serviços domésticos;

Odudua: criador da terra;

Ogum: ferro;

Omulu ou Obaluaê: varíola, protetor contra as pestes;

Oquê: montanha;

Oraniã: profundezas da terra;

Orixá Ocô: agricultura;

Ossaim: folhas;

Oxaguiã: criador da cultura material;

Oxalá ou Obatalá: Criação;

Oxalufã: Oxalá quando velho;

Oxóssi: caça e da fartura;

Oxum: águas doces;

Oxumarê: arco-íris;

Xangô: trovão e da justiça.

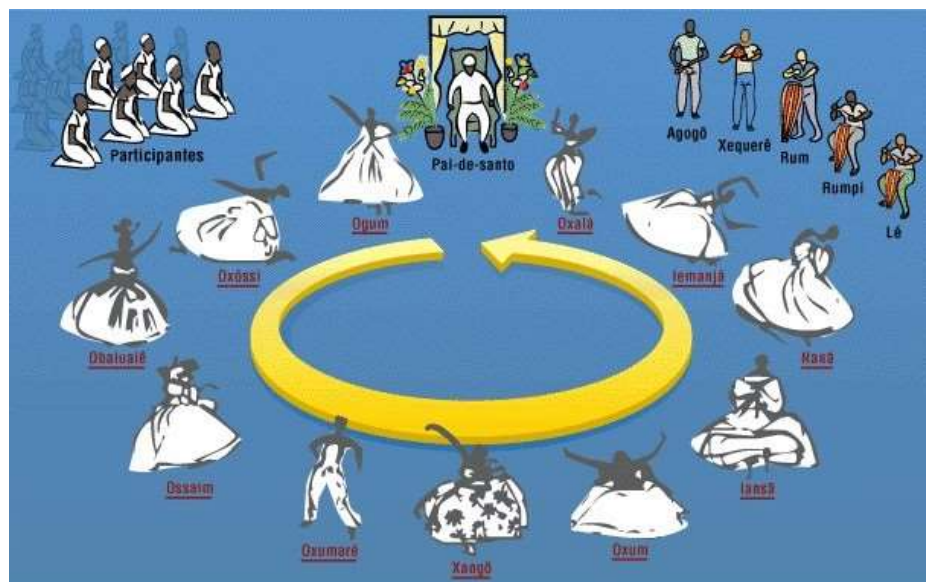
⁷ Esculturas representando pessoas possuídas por orixás. (CARNEIRO, 1961. p. 188).

⁸ Exú é orixá mensageiro; dono das encruzilhadas e guardião da porta de entrada das casas (PRANDI, 2015).

As divindades são invocadas por instrumentos musicais como o atabaque, o agôgô e a cabaça, o toque é usado para saudar os *orixás*, quando incorporados entre os mortais, ou para invocá-los quando a presença deles é necessária (CARNEIRO, 1961. p. 105).

Os *terreiros*⁹ de Candomblé são comunidades fechadas, que não obedecem a nenhum governo e nem a regimentos comuns. O poder dos *orixás* é soberano em todas as forças do termo, abaixo deles está a maior autoridade espiritual e moral da casa de candomblé: *Ialorixá*¹⁰ ou *Babalorixá*¹¹, também conhecidos como mãe ou pai. Cabe ao líder da casa a divisão da comunidade, sendo os velhos e as mulheres beneficiados hierarquicamente (CARNEIRO, 1961. p. 137).

Figura 2: Hierarquia de um ritual do candomblé



Fonte: Palmares, 2015¹²

Nos *candomblés* os povos africanos cultuavam suas divindades, cujas comunidades se revelavam como são, miniaturas da África mística. As primeiras comunidades de terreiro de candomblé foram implantadas na Bahia e, em geral, estavam localizadas no meio do mato e em

⁹ Candomblé (CARNEIRO, 1961. p. 190).

¹⁰ Mãe de santo (CARNEIRO, 1961. p. 185).

¹¹ Pai de santo (CARNEIRO, 1961. p. 179).

¹² <http://www.palmares.gov.br/?p=11391>. Acesso em 03 de Novembro de 2015.

subúrbios mais afastados das cidades por diversos fatores, entre eles a repressão policial e a falta de condições financeiras (BASTIDE 2001; CARNEIRO 1961).

As comunidades recebem o nome designado pela sua nação como forma de mostrar a qual aldeia pertencem. É no local de culto que todos os objetos pertencentes ao grupo ficam guardados, como os tambores, pedras e pedaço de ferro; é ainda nesse mesmo espaço que são iniciados os praticantes da religião (BASTIDE, 2001).

Segundo Evangelista (2015, p. 2):

O começo de todo axé é determinado pelas entidades e orixás como uma exigência ou “missão” dada ao sacerdote: “ninguém funda um axé como se abre uma loja. É preciso ser escolhido para essa missão.” Por sua vez, essa escolha tem a ver com o fato de o iniciado ter ou não o cargo de líder do terreiro, bem como a necessidade desse escolhido de construir seu próprio templo.

As casas de Candomblé surgem de duas formas: uma através da fundação e outra por meio de herança. Há uma grande diferença entre as duas situações, pois na primeira planta-se o próprio *axé* com a missão de propagar a religião, enquanto que na segunda situação se herda um *axé* para dar continuidade a determinada casa de Candomblé (EVANGELISTA, 2015).

No caso das casas surgidas por fundação, cabe ao *orixá* a escolha do local para plantar o *axé*. Esse aspecto incidirá diretamente nos componentes específicos do terreiro, tendo em vista que os elementos característicos da edificação serão reflexo das forças e energias sublimes, que criam e propagam o vínculo dos *orixás* com os humanos (EVANGELISTA, 2015).

As casas de Candomblé são moradas dos deuses africanos, com locais, objetos, elementos e símbolos próprios de cada *orixá* e estão submetidas a certas regras e regimentos da liturgia, desencadeando uma determinada tendência. Nessa conjuntura Evangelista (2015, p. 4), explica que “[...] na literatura, geralmente identificam esse estilo como oposto à estética e à arquitetura urbana”.

As comunidades de Candomblé dispõem de três eixos principais – o espiritual, o material e o jurídico – os quais se interligam na fundação do espaço sagrado do terreiro (EVANGELISTA, 2015).

Há necessidade de grande quantidade de pessoas para o funcionamento da comunidade, para cuidar, vigiar, fiscalizar e controlar o *Ilê-Orixá*; a comunidade também pode servir como moradia para os membros (BASTIDE, 2001).

2.3 Aspectos materiais do Candomblé como expressão da arquitetura popular

Segundo Diniz (2012), a [...]arquitetura popular brasileira é um conceito ainda pouco difundido na dinâmica cultural do país, no imaginário nacional e no universo acadêmico da profissão[...]. O arquiteto brasileiro Günter Weimer destaca algumas particularidades que podem definir a arquitetura edificada espontaneamente pelo povo brasileiro, dentre elas (Weimer apud Diniz, 2012):

Simplicidade: produção através de materiais adquiridos diretamente do meio ambiente;

Adaptabilidade: experiência tomadas de culturas diversas por serem reinterpretadas em diversos locais que não seja o de origem sob novas circunstâncias climáticas e tecnológicas;

Criatividade: concepção formal e usos de materiais próprios;

Intencionalidade: comprometido com os materiais e técnicas disponíveis e não a uma imagem formal fruto de intenções pré-estabelecidas;

Multisecularidade: parte do pensamento e da evolução técnica alinhada à história de um determinado grupo social.

Portanto, é importante ressaltar que os seguimentos das arquiteturas populares têm uma ligação com às tecnologias e materiais do lugar em que é desenvolvida. Tais características são trabalhadas nas técnicas construtivas da arquitetura popular que é produzida com referência na vivência e cultura popular, de um modo simultâneo, gerando recursos para o fortalecimento socioeconômico, bem como o patrimônio cultural.

De acordo com Sant'Anna (2013) [...] no Brasil, ainda que sem uma ênfase arquitetônica específica, o espaço produzido por segmentos populares afro-brasileiros e indígenas tem sido objeto de uma atenção específica desde o final do século XIX[...].

Com base nessas características, Carneiro (1961), faz uma análise das comunidades afro-brasileira da Bahia. A exterioridade geral da casa de Candomblé não era diferente da maioria das casas pobres existentes na Bahia naquela época. A construção era feita com armação de madeira e barro batido, mas por vezes podiam encontrar chão de cimento ou tijolos.

De acordo com Carneiro (1961. p. 44) a arquitetura se apresenta da seguinte forma:

- Paredes internas e ou externas não vão até o teto;
- Espessura das paredes se mede pela vigota que as limita ao alto;
- Cobertura de telha vã ou zinco;
- Grandes corredores;
- Quartos pequenos com diversos usos;

- Portas e janelas estreitas;
- Abertura com escassez de iluminação e ventilação;
- Grande espaço para festas públicas;
- O *barracão*¹³ pode fazer parte do corpo da casa ou ser separado.

Alguns terreiros instalaram-se em sítios e têm casas de um ou dois compartimentos ao redor da casa principal dedicadas aos *orixás* e também algumas árvores consideradas sagradas, separadas do restante da vegetação local. Segundo Carneiro (1961. p. 45) “um destes estabelecimentos dedica-se invariavelmente a *Êxu* e tem a porta fechada a cadeado. Outros se dedicam aos *orixás* protetores da casa – *Ôgum*, *Óxóce*, etc”.

Já nas comunidades urbanas, os *orixás* ficam em um único *peji*¹⁴, exceto alguns *orixás* como *Êxu*, *Ossaim* e *Oxumaré*, que tem suas moradas separadas do corpo do edifício. Quanto as divindades que vivem na mesma dependência da casa principal, o ambiente pode ter ou não um nome especial, como por exemplo: Quarto da pedreira de *Xangô* (BASTIDE, 2001).

Para a edificação de uma comunidade de *terreiro* de *Candomblé*, há normas a seguir: a execução é sempre entregue aos membros da comunidade que exercem a profissão de pedreiro, pintor, carpinteiro e servente, pois existem restrições no cavado do alicerce. Segundo Carneiro (1961. p.46) “[...]realiza-se uma imponente cerimônia, em que o chefe do Candomblé deposita ali um pouco da *água de axés*¹⁵, bichos de pena, moedas correntes, jornais do dia, água benta e flores”. Os elementos depositados no alicerce impossibilitam a ampliação do barracão, sendo a parte mais importante da comunidade e mais iluminada.

A maioria dos terreiros de Candomblé da Bahia adota uma coluna central no meio dos barracões; esse pilar pode ter ou não função arquitetônica e estrutural da casa, pois em algumas casas este pilar não chega até o telhado, tendo somente função ritual, como símbolo de ligação entre a terra ao céu dos *orixás*. Nas nações que são adeptas a este pilar central, as cerimônias acontecem em torno dele, fazendo a ligação com os quatro pontos do barracão, em alusão aos quatro pontos cardeais (norte, sul, leste e oeste). Sendo assim, tem-se dois modos: o vertical,

¹³ O local onde se realizam as cerimônias públicas do candomblé (CARNEIRO, 1961. p. 179).

¹⁴ O santuário dos candomblés (CARNEIRO, 1961. p. 189).

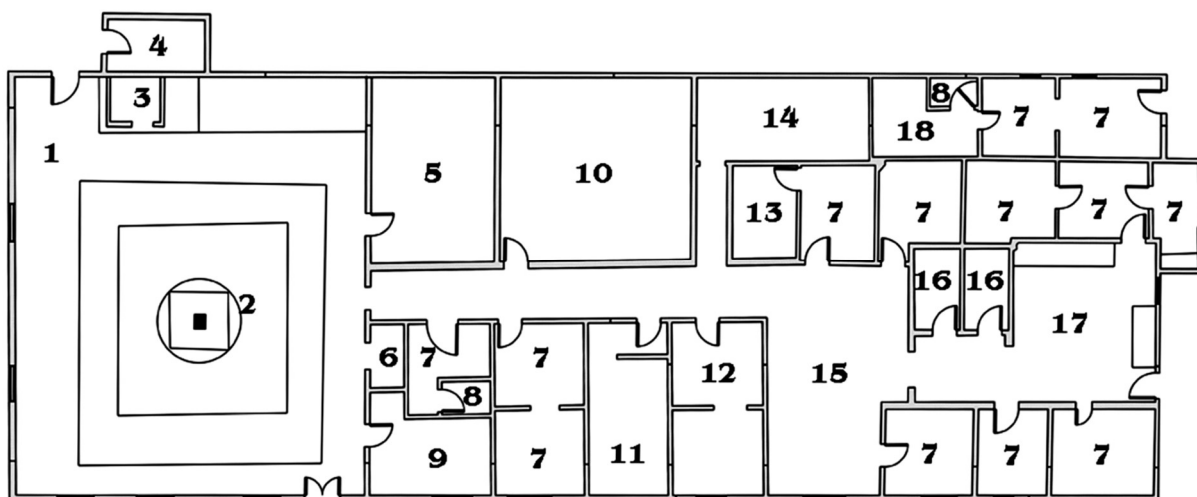
¹⁵ Líquido que contém um pouco do sangue de todos animais sacrificados, em todos os tempos, no candomblé (CARNEIRO, 1961. p. 178).

que une o *axé*¹⁶ da terra ao céu dos *orixás*, e o horizontal, que liga os pontos cardeais e que possui a forma circular (BASTIDE, 2001).

Dourado (2011), apresenta a planta baixa do barracão do Terreiro da Casa Branca (Figura 3), provavelmente o mais antigo terreiro de candomblé da Bahia. Seu primeiro *axé* foi plantado na Ladeira de Berguó, nas imediações da Igreja de Nossa Senhora da Barroquinha, atualmente Centro Histórico de Salvador, de onde foi transportado para o atual local Engenho Velho da Federação, no qual, se encontra até hoje.

No dia 31 de maio de 1984 o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN aceitou requerimento de tombamento do Terreiro da Casa Branca, o terreiro de Candomblé que foi o primeiro a ser protegido no Brasil, pois até então, o IPHAN tinha seus tombamentos apenas voltados para cultura de extração europeia, à exceção de alguns conjuntos etnográficos da cultura indígenas (DOURADO, 2011).

Figura 3: Planta baixa do barracão do Terreiro da Casa Branca¹⁷,



Fonte: Dourado, 2011

Legenda da planta baixa do barracão do Terreiro da Casa Branca:

1. Salão de festas;
2. Coroa de *Xangô*;
3. Orquestra;

¹⁶ Os alicerces mágicos da casa do candomblé, a sua razão de existir (CARNEIRO, 1961. p. 179).

¹⁷ Elaborado por Dourado a partir do croqui proposto pela equipe do projeto MAMNBA e anexada ao processo de tombamento. IPHAN. Processo nº 1.067-T-82, p.80

4. Quarto dos *Ogans*;
5. Quarto de *Xangô*;
6. Nicho;
7. Quarto;
8. Banheiro;
9. Sala;
10. Quarto de *Oxalá*;
11. Quarto do *axé*;
12. Quarto da *Ialorixá*;
13. Quarto da *Lakekerê*;
14. Quarto de vestir;
15. Sala de refeições;
16. Despensa;
17. Cozinha;
18. Quintal.

O Terreiro da Casa Branca está localizado numa elevação de aproximadamente de 10 metros e fica na parte baixa de uma ribanceira de cerca de 50 metros de altura. Nota-se uma horizontalidade na casa do Candomblé, seguindo a linha do bonde de Rio Vermelho (de baixo). Entre a porta principal do Terreiro do Engenho Velho e a linha do bonde, tem mais ou menos um distanciamento de 60 metros em linha reta. O acesso ao barracão é feito por uma escadaria de pedra e cimento, construída em 1940, cuja altura varia entre 15 e 20 metros, entre os desníveis do terreno até a porta do barracão. Ao redor da construção existem diversos *assentos*¹⁸ de *orixás* e pequenas casas dos membros importantes do *Candomblé* (CARNEIRO, 1961. p. 51).

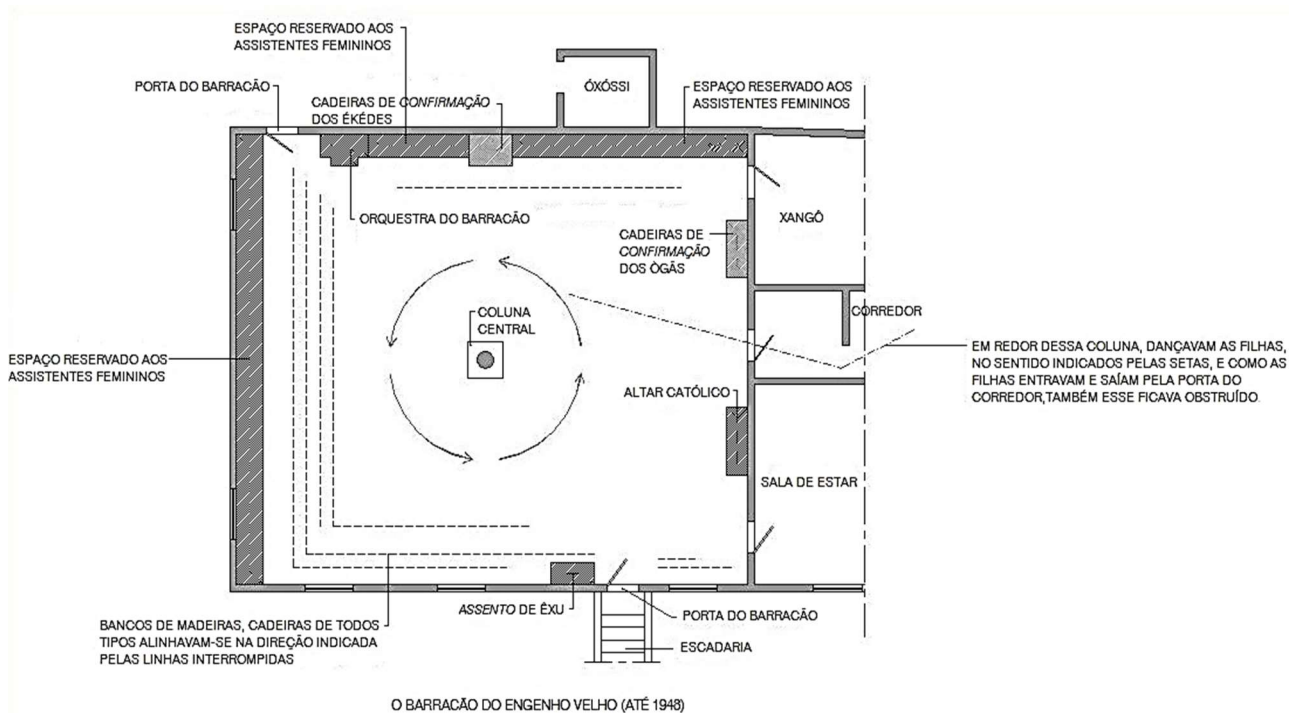
Segundo Carneiro (1961. p. 51):

A edificação principal mede 33,90 m de comprimento por 10,20 m de largura no extremo onde está localizado o *barracão* e 9,80 m do lado oposto, ou seja, no extremo limitado pela sala de jantar. Nestes 33,90 m de comprimento incluem-se 4,85 m da cozinha, de construção posterior. Além da sala de jantar, do *barracão* e da cozinha, o Engenho Velho dispõe de nove cômodos, dos quais quatro têm janelas e três duas portas.

¹⁸ Altar dos orixás, dentro ou fora da casa do candomblé (CARNEIRO, 1961. p. 179).

As portas e janelas são de uma folha só e abrem para dentro da edificação, dessa forma, ocupam mais espaço e não abrem sobre ângulo morto. A sala de jantar é a única que se aproxima com o quarto de imediato (CARNEIRO, 1961. p. 53).

Figura 4: Detalhe do Barracão do Engenho Velho até 1948



Fonte: Adaptado de Carneiro, 1961

O barracão é o local das festas públicas, sendo o maior da casa e mais iluminado, medindo cerca de 11,65 metros de comprimento por 10,20 metros de largura, tem duas portas de entrada, uma do lado direito e outra no esquerdo e cinco janelas com mais de um metro de largura: três localizadas no lado direito e duas no esquerdo. As três portas internas abrem para os compartimentos interiores. Dentro do barracão haviam diversos lugares reservados aos assistentes femininos, com isso reduzia-se a área do barracão.

Nessa perspectiva, Carneiro (1961. p. 54) afirma que:

A quantidade de ar e luz disponível, já era insuficiente em condições normais, ficava extremamente reduzida pela aglomeração de pessoas nas portas, na escadaria e nas janelas do *barracão*. Pode-se calcular, sem grande esforço, o enorme transtorno que tal aglomeração devia causar, especialmente nos dias de grandes festas.

O *axé* transferido para o local, à época ermo, hoje abre-se para Avenida Vasco da Gama, ocupando uma encosta com área total aproximada de 8.500,38 m², no meio de uma região densa habitada por população de baixa renda (DOURADO, 2011).

Figura 5: Vista aérea do terreno atualmente ocupado pelo Ilê Axé Iyá Nassô Oká e Adjacências¹⁹



Fonte: Dourado, 2011

Uma enorme grade de ferro lavrada, criada pelo artista plástico baiano Bel Borba, limita o terreiro e dá passagem para a parte plana do terreno, na qual se localiza a praça consagrada a Oxum, construída com base no croqui oferecido pelo arquiteto Oscar Niemeyer (DOURADO, 2011).

Figura 6²⁰

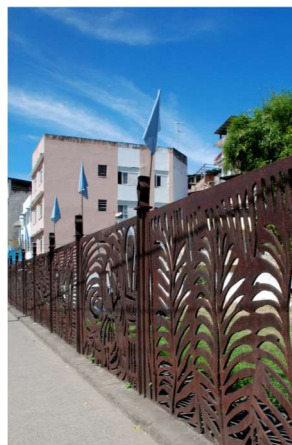


Figura 7²¹



Fonte: Dourado, 2011

¹⁹ Poligonal desenhada por Mabel Zambuzzi sobre imagem extraída do Google Earth, 2008

²⁰ “Monumental grade de ferro lavrada assinala o Ilê Iyá Nassô Oká à Av. Vasco da Gama.”

²¹ “Aspecto da Praça de Oxum; veem-se ao centro o Barco de Oxum e, ao fundo, à direita, a touceira de bambus consagrada a Dankô.”

Os adeptos do candomblé têm uma proximidade muito forte com a natureza (as matas, mar, rio, pedreiras, entre outros), locais esses de grande importância para as cerimônias de culto aos orixás. Pois, seus desuses africanos são ligados diretamente com os elementos da natureza e por ser sua morada (ZUMBUZZI, 2010).

Nos espaços de culto aos orixás Brasil, houve uma necessidade de criar um espaço que proporcionasse uma integração no espaço do terreiro de Candomblé com a natureza, em referência a uma floresta africana, elemento importantíssimo para o cotidiano dos africanos em geral. Nesse contexto, Barros (1993. p. 19) explica que “assim, o terreiro deve, obrigatoriamente, conter um *“espaço-mato”*²²”, no qual estão contidos os elementos vegetais indispensáveis ao culto.

Portanto, Velame (2014), esclarece que:

Essa arquitetura em movimento feita pelos mortais guiados pelo sistema dinâmico do axé torna-se ela própria parte integrante dessa natureza divinizada. Não há, portanto, uma arquitetura do homem enquanto uma paisagem pictórica ou um artifício, artificial, criado pelo homem como algo em contraposição a natureza, um domínio do homem sobre a natureza. Pelo contrário, a arquitetura do terreiro torna-se uma continuidade, uma extensão da natureza sacralizada, uma continuidade da morada dos deuses e ancestrais, integrando-se e potencializando o sistema dinâmico do axé.




No Brasil, entretanto, a existência deste espaço, mesmo sendo considerado imprescindível, vem passando paulatinamente por reduções das suas áreas devido ao grande crescimento da urbanização (VELAME, 2015; BARROS, 1993. p. 20).

As árvores sacralizadas no *“espaço-mato”* dos terreiros são diferenciadas das demais por serem enfeitadas por um laço de tira de pano branco ou pelo fato de haver em suas raízes a presença de vasos de barro e pratos com oferendas de comida. Essas árvores recebem todos os anos sacrifícios de animais em forma de renovação do seu axé, tornando-se nessa ocasião um objeto de culto (Barros, 1993. P.26).

²² Entendendo-se natureza como *“espaço-mato”* localizado no terreiro ou em outras áreas não cultivadas (BARROS, 1993. p. 20).

O Quadro 1 apresenta algumas árvores sagradas, encontradas nos terreiros.





Quadro 1 – Espécies vegetais encontradas na Sociedade de Culto Afro Brasileiro Filhos de Obá

Espécie	Nome Científico	Nome Popular	Características
<p><i>Figura 8</i>²³</p> 	<i>Newboldia laevis Seem</i>	Acoco	Árvore de origem africana, é considerada uma árvore abundante, provedora de prosperidade segundo as interpretações no livro Ewé Orisa de José Pessoa de Barros.
<p><i>Figura 9</i>²⁴</p> 	<i>Monstera deliciosa</i>	Costela de adão	Vinda do México, dispõe de folhas espetaculosas, gigantes e com desenho único
<p><i>Figura 10</i>²⁵</p> 	<i>Spondias mombin L</i>	Cajazeira	Nativa da América Tropical, mas também é encontrada na Ásia e África

²³ <http://segredodasfolhas.blogspot.com.br/2011/04/folha-de-akoko.html>. Acesso em 05 de Dezembro de 2015.

²⁴ <https://jornalagricola.wordpress.com/2011/07/16/como-cuidar-de-flores-em-vasos/>. Acesso em 05 de Dezembro de 2015.

²⁵ <http://segredodasfolhas.blogspot.com.br/2011/04/folha-de-akoko.html>. Acesso em 05 de Dezembro de 2015.



<p><i>Figura 11</i>²⁶</p> 	<p><i>Ficus gomelleira</i></p>	<p>Gameleira branca</p>	<p>Planta de origem africana, representa o orixá Irôko. Costuma-se reservar uma dessa árvore para a morada do orixá</p>
<p><i>Figura 12</i>²⁷</p> 	<p><i>Psidium guajava</i></p>	<p>Goiabeira</p>	<p>Da América Central e do Sul, é bastante utilizada no candomblé, já que pode ser usada em quaisquer obrigações de cabeça, bem como nos <i>abô</i> e nos banhos de purificação dos filhos de <i>Oxóssi</i>.</p>
<p><i>Figura 13</i>²⁸</p> 	<p><i>Artocarpus heterophyllus Lam</i></p>	<p>Jaqueria</p>	<p>Vinda da Índia e disseminada por todo o Brasil.</p>
<p><i>Figura 14</i>²⁹</p> 	<p><i>Mangifera indica</i></p>	<p>Mangueira</p>	<p>Proveniente da Ásia, a mangueira rosa é um presente ao orixá <i>Iansã</i> e a espada a <i>Ogum</i></p>

²⁶ http://contosciulousdabahia.blogspot.com.br/2011_03_01_archive.html. Acesso em 05 de Dezembro de 2015.

²⁷ <http://www.afloricultura.com/pe-de-frutas-brasileiras-goiabeira/pe-de-goiaba/>. Acesso em 05 de Dezembro de 2015.

²⁸ Disponível em: <http://www.ecologia.com.br/pagina/jaqueira.html>. Acesso em 05 de Dezembro de 2015.

²⁹ <http://www.panoramio.com/photo/29130672>. Acesso em 05 de Dezembro de 2015.

<p><i>Figura 15</i>³⁰</p> 	<p><i>Dracaena fragrans (L) Ker Gawl., Liliaceae</i></p>	<p>Pèrègún</p>	<p>De origem africana e muito disseminada no Brasil. É possivelmente, a planta mais popular nos cultos afro brasileiro.</p>
<p><i>Figura 16</i>³¹</p> 	<p><i>Eugenia uniflora</i></p>	<p>Pitangueira</p>	<p>Com origens na América do Sul, as folhas perfumadas da pitangueira são usadas para cobrir o chão em dias de festa.</p>

³⁰ <http://tradicoesdocandomble.blogspot.com.br/2013/01/ewe-peregun-o-rei-que-desperta-as.html>. Acesso em 05 de Dezembro de 2015.

³¹ <http://www.afloricultura.com/como-cultivar-arvore-pitangueira-pe-de-pitanga/pitangueira/>. Acesso em 05 de Fevereiro de 2016.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para fazer a proposta de intervenção arquitetônica na Sociedade de Culto Afro Brasileiro Filhos de Obá, utilizou-se de uma revisão bibliográfica a qual se constitui em pressuposto para a base teórica da pesquisa, tendo assim o intuito de aprimorar o conhecimento teórico do tema abordado. Neste trabalho ela se desenvolveu através da utilização de livros e de acesso a documentos na internet, tais como artigos acadêmicos, dissertações de mestrado, resultados de pesquisas, entre outros. Quanto a este quesito, lembra-se que o único material acadêmico aceito pela Sociedade analisada é o artigo de Leal e Oliveira, publicado em 2015, o qual cita-se ou parafraseia-se em texto.

Com vistas a alcançar uma compreensão ampliada acerca do tema estudado, foram realizadas visitas a outros terreiros de candomblé. Essa pesquisa de campo foi de grande importância para o entendimento do funcionamento desses terreiros de candomblé, sendo possível identificar as particularidades que direcionam as tomadas de decisões no que se refere aos elementos necessários a serem observados para a realização de uma intervenção arquitetônica em um terreiro de candomblé.

Após essa definição quanto ao novo direcionamento do presente trabalho, realizou-se uma entrevista com a *Ialorixá* do referido terreiro com vistas a identificar, na perspectiva dela, as necessidades arquitetônicas do local. Na ocasião foi possível ter acesso a documentos do acervo pessoal da instituição, tais como certidão de tombamento pela Secretaria de Estado da Cultura e Livro de Registro, o qual contém atas de reuniões, Estatuto da Sociedade e informações diversas sobre o local. Também foi possibilitado a consulta à planta topográfica do local que foi de suma importância para a identificação de alguns pontos, tais como inclinações do terreno, locações dos assentamentos dos orixás, identificação das edificações existentes e delimitação da área para intervenção.

Com o objetivo de conhecer mais detalhadamente o local, percorreu-se a trilha com o guia responsável; as áreas construídas e os locais, objeto da proposta de intervenção. Posteriormente, realizou-se uma nova visita *in loco* em um dia festivo para análise do ambiente no que se refere ao funcionamento das atividades desenvolvidas pelo terreiro e as necessidades de adequações para possibilitar um espaço confortável, sem descaracterizar a arquitetura existente.

Após essas atividades, desenvolveu-se uma análise dos dados obtidos, aliada a uma pesquisa mais aprofundada acerca de intervenções arquitetônicas em outras comunidades de terreiro de candomblé, com visitas a construir a proposta de intervenção mais adequadas para

as necessidades do local. Concluída essa fase de pesquisa, deu-se início a elaboração da presente proposta de intervenção.

Em linhas gerais, as concepções metodológicas do projeto de pesquisa citado estão apoiadas nos seguintes pontos:

Leituras e análises de textos que servem de base para o conhecimento da cultura africana no tocante à religião, destacando-se o Candomblé;

Fichamento do material;

Realização das visitas e pesquisas *in loco*, ressaltando a necessidade de horários marcados sempre com a autorização da *Ialorixá*;

Análises dos dados coletados;

Proposta de intervenção

4 OBJETO DE ESTUDO

4.1 A cidade de Laranjeiras/SE

A cidade de Laranjeiras está situada a 18 quilômetros de Aracaju; no censo de 2010 a cidade tinha 26.906 habitantes e a estimativa para 2015 era 29.130 habitantes. É a segunda mais antiga do Estado de Sergipe, implantada no ano de 1605 (século XVII). Foi fundada pelos missionários jesuítas, às margens do riacho São Pedro (IBGE, 2016; BARROS, 2010).

Figura 17: Mapa de localização de Laranjeiras no seu contexto regional



Fonte: IBGE, 2016³²

Laranjeiras já foi a principal cidade de Sergipe; berço da cultura, educação, política e da economia. É uma cidade onde ainda pode se observar a robustez da arquitetura colonial nas ruas, casarões, igrejas, tudo respira a pura história da cidade (IBGE, 2010).

O desenvolvimento se deu por meio do cultivo da cana de açúcar, durante o século 18, o que a tornando-se a sede econômica; o tráfico humano de escravizados influenciou a cultura daquela região. No século XIX, Laranjeiras se tornava mais importante por ser o centro comercial e exportador de Sergipe (BARROS, 2010).

³² <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=280360&search=||infográficos:-informações-completas>. Acesso em 10 de fevereiro de 2016.

Atualmente o turismo na cidade de Laranjeiras se identifica por suas belezas naturais, mas especialmente pelas igrejas em arquitetura barroca, grutas, centro histórico, museus e terreiros de candomblé de várias nações, os quais podem ser visualizados na figura a seguir.

Figura 18: Mapa turístico de Laranjeiras/SE



Fonte: Prefeitura Municipal de Laranjeiras, 2016³³

Outro ponto importante de ressaltar é que o município tem o maior número de grupos folclóricos do Estado. Nesse contexto CINFOM MUNICÍPIOS, História dos Municípios, 2002, p. 128 apud BARROS explica que:

Laranjeiras é referência no folclore. Seus folguedos estão entre os mais importantes do Brasil, como o Reisado, Guerreiros, Lambe-Sujos e Caboclinhos, Cacumbi, Taieira, Samba de Parelha, São Gonçalo, Batalhão 1º. De São João, Chegança Almirante Tamandaré e os Penitentes.

³³ <http://www.laranjeiras.se.gov.br/acidade-l.asp#mapa>. Acesso em 15 de Fevereiro de 2016.

Figura 19: Lambe-Sujo



Fonte: Prefeitura Municipal de Laranjeiras, 2016³⁴

4.2 A história da Sociedade de Culto Afro Brasileiro Filhos de Obá - Laranjeiras/SE

Atualmente a Sociedade de Culto de Culto Afro Brasileiro Filho de Obá está localizada na Rua Jackson de Figueiredo, S/N. Não há muitos dados a respeito do Terreiro Filhos de Obá, e algumas publicações sobre a história do local são comentadas pelos membros do terreiro, mantendo a tradição que o culto do Candomblé é passado para seus filhos por intermédio da oralidade (LEAL; OLIVEIRA, 2015). O conhecimento a respeito dessa cultura é adquirido na vivência familiar e grupal da comunidade, sendo desnecessária a legalização documental dos ritos, pois a crença e culto devem ser passadas de geração a geração.

É válido ressaltar que a Sociedade de Culto de Culto Afro Brasileiro Filho de Obá é uma comunidade do *orixá Obaluaê*. Segundo depoimento verbal de Edilma³⁵ “não se faz nada no Centro sem consultar primeiro *Obaluaê*, pois essa “comunidade” é dele e todos os filhos de santo da casa carrega o *orixá* desde a época de Ta Joquina.”

As estudiosas LEAL e OLIVEIRA (2015) registram, com base nos relatos dos antigos da Sociedade de Culto Afro Brasileiro Filhos de Obá, que a primeira sede e plantio do *axé* do Terreiro aconteceu na Rua Porto dos Oiteiros no município de Laranjeiras/SE. Seus fundadores foram escravos que se refugiavam no município canavieiro. Entretanto, quem mais se destacou entre eles foi a escrava Maria Joaquina da Costa, conhecida como Ta Joaquina, escravizada na

³⁴ <http://www.laranjeiras.se.gov.br/manifestacoes.asp>. Acesso em 15 de Fevereiro de 2016.

³⁵ Filha de santo da Sociedade de Culto Afro Brasileiro Filhos de Obá.

época e possivelmente natural da cidade de Obá em Benin – Nigéria. Ta Joaquina, com outros escravizados na época, realizava os primeiros cultos *nagô vodu males* em Sergipe.

Segundo Edilma (2016):

Ta Joaquina, recebeu o recado de *Obaluaê* que a cidade de Laranjeiras sofreria um surto de varíola então ela saiu pela cidade pedindo ajuda a população para fazer uma oferenda ao *orixá Obaluaê*. Só que a população não deu crédito e falaram que Ta Joaquina pedia para si própria, então ela se entristeceu com o fato ocorrido e se ajoelhou em um local descoberto conhecido entre eles como tempo, pedindo a *Obaluaê* que quando o surto chegasse ela fosse a primeira, e foi isso que aconteceu (Depoimento verbal de Edilma)

No ano de 1930 o *axé* da Sociedade de Culto Afro Brasileiro Filho de Obá foi transferido para Rua da Vitória. O terreiro Filhos de Obá passa por votação para ver quem assume o lugar deixado por Ta Maria Joaquina; assume Alexandre José da Silva³⁶ com 13 anos de idade, conhecido como Pai Alexandre, que se tornou o *Babalorixá* responsável pela continuidade que Ta Maria Joaquina deixou (LEAL; OLIVEIRA, 2015).

Com Pai Alexandre à frente da Sociedade de Culto Afro Brasileiro Filhos de Obá, ocorre outra transferência do *axé* para o endereço da atual sede. Com a implantação nesse novo local, Alexandre recebe ajuda de Ta Inácia e Ta Arta que ajudaram Ta Joaquina no primeiro plantio do *axé* (LEAL; OLIVEIRA, 2015).

Posteriormente, Pai Alexandre registra a Sociedade de Culto Afro Brasileiro Filhos de Obá em cartório como uma Casa de Caridade que usa dos ensinamentos da religião afro-brasileira para fazer caridades a todos que buscaram auxílio espirituais e medicinais.

No ano 1976³⁷, o *Balaborixá* Alexandre morre deixando diversos filhos de santos e de criação, mas nenhum consanguíneo. Quem sucede a Sociedade de Culto Afro Brasileiro Filhos de Obá é Maria Cecília da Silva, conhecida como Cecilinha que tem sua responsabilidade até seu falecimento. Após o óbito dela, a Sociedade ficou temporariamente sem nenhum movimento, pois os filhos de santo da casa residiam fora do Estado de Sergipe, retornando suas obrigações apenas no ano 1994 quando a *Ialorixá* Ginalva, sobrinha de Pai Alexandre, volta a Sergipe para dar continuidade ao legado dele (LEAL; OLIVEIRA, 2015).

Segundo Leal e Oliveira (2015), após a reabertura da casa em 1994, a Sociedade de Culto Afro Brasileiro Filho de Obá é reconhecida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN como um legado do “culto nagô”, onde o processo de tombamento

³⁶ Filho de criação de Ta Joaquina.

³⁷ Segundo um estudo realizado pela Universidade Federal de Sergipe – Departamento de História, essa é a data de morte de Pai Alexandre. No entanto, Fernando Aguiar (2002) relata que foi um ano posterior. Estamos em busca do documento - atestado de óbito - que encerrará a dúvida.

nº 1340 encontra-se em instrução³⁸, sendo classificado como Terreiro e seu nome atribuído ao processo como Casa: Terreiro Filhos de Obá.

Em 1996, a Sociedade de Culto Afro Brasileiro Filho de Obá é mais uma vez reconhecida como um local em que são desenvolvidas atividades e manifestações afro brasileiro. Logo, sob a coordenação da *Ialorixá* Ginalva, a casa recebe o título de tombamento pela Secretaria de Estado da Cultura de Sergipe, por ser conhecida como símbolo de representação da cultura afro brasileira no município de Laranjeiras e no Estado de Sergipe. As principais características do tombamento foram de interesse religioso, histórico e antropológico. Dessa maneira, a Sociedade de Culto Afro Brasileiro Filho de Obá foi levado a monumento histórico pelo Decreto nº 10.010, de 04 de novembro de 1988, Nº de Inscrição: Livro de Tombo nº 01- Geral –fl.13 (LEAL; OLIVEIRA, 2015).

Figura 20: Certidão de tombamento da Sociedade de Culto Afro Brasileiro Filho de Obá

GOVERNO DE SERGIPE
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
INSTITUTO DO PATRIMÔNIO CULTURAL

CERTIDÃO

CARTÓRIO 1.º OFÍCIO	Certifico e dou fé que a presente cópia fotostática é a reprodução fiel do original que me foi exibido.
Monon Sérgio S. de Almeida Lima TITULAR	Em 14.07.1996
Cartos E. Soutelo Bastado Soutelo SUBSTITUTO	Em 14.07.1996

Certifico que, no Livro de Tombo Geral nº 1, do Instituto do Patrimônio Cultural da Secretaria de Estado da Cultura, nas folhas 12 verso e 13, sob o número 47, consta o tombamento do Terreiro Filhos de Obá, localizado na rua Jackson de Figueiredo s/n, na cidade de Laranjeiras, resultante do processo nº 004/85-CEC, nos termos do Decreto nº 10.010, de 04 de novembro de 1988, sendo a aludida inscrição realizada no dia 18 de novembro de 1988. Para constar, eu, Luiz Fernando Ribeiro Soutelo, Diretor-Geral do Instituto do Patrimônio Cultural da Secretaria de Estado da Cultura, mandei lavrar a presente certidão que assino em quatro (4) vias.

Aracaju, 11 de novembro de 1996

Luiz Fernando Ribeiro Soutelo
DIRETOR-GERAL

Fonte: Acervo pessoal da Sociedade de Culto Afro Brasileiro Filhos de Obá, 2016

³⁸ A instrução de um processo de registro requer pesquisa documental e de campo, mobilização e consenso social sobre motivações e propósitos; argumentação sobre o valor patrimonial da expressão cultural; diagnóstico sobre vulnerabilidade e recomendações para salvaguarda do bem cultural. Trata-se tanto de um processo administrativo, quanto um processo social de mobilização, culminando com a inscrição do bem em um dos livros do Patrimônio Imaterial: Celebrações, Lugares, Saberes, Formas de Expressão (IPHAN, 2016).

A Sociedade de Culto Afro Brasileiro Filhos de Obá tem sua instalação em sítio com edificações dispersas sobre o terreno, com uma reserva florestal aos fundos, representando um papel importante na comunidade, pois a natureza é a ampliação das edificações inseridas naquele espaço e constituindo-se no prolongamento da morada dos deuses africanos. Nesta existem árvores e ervas importante para culto aos *orixás* e para assentamentos de alguns deles, como por exemplo a gameleira branca, mangueira, jaqueira, entre outras.

Além disso, o terreiro Filhos de Obá é composto por duas edificações, uma área reservada a festas³⁹ que não tem conforto para seus visitantes e algumas construções dentro da mata. Alguns desses ambientes têm acesso restrito, apenas os membros mais velhos da casa têm permissão de entrar, como a casa de *Exú*, a casa de *Egum*⁴⁰, quarto de santos e outros. Os aspectos gerais das construções não são diferentes da comunidade onde está inserida, uma vez que essas características são visíveis na estrutura do terreiro.

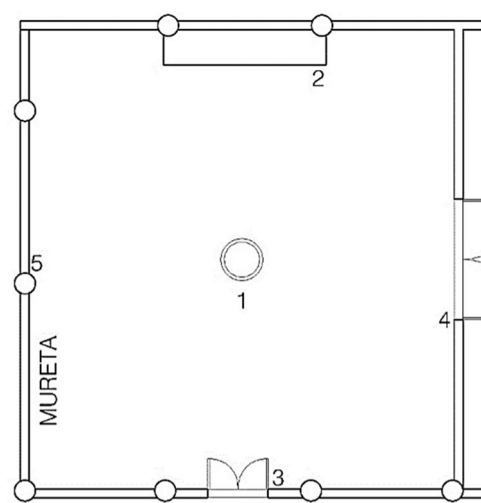
A área onde o terreiro está implantado apresenta declive acentuado e está 3.27m a cima do nível da rua. A edificação principal destaca-se por sua horizontalidade. A entrada principal se dá por uma contenção e escada de pedra calcária com cimento que leva até o acesso ao barracão; ao lado dessa construção encontra-se a edificação apoio, alguns assentamentos e uma área para recepção aos convidados após as cerimônias das divindades.

Falando de outras características, no barracão existe uma fonte ao centro que faz alusão às colunas centrais usadas nas comunidades de Candomblé da Bahia, não tem função estrutural, apenas ritual, tendo como objetivo a ligação do *axé* plantado na terra ao mundo dos orixás.

Figura 21: Detalhe do barracão da Sociedade da de Culto Afro Brasileiro Filho de Obá

³⁹ Espaço onde os visitantes comem as comidas ofertadas pela comunidade.

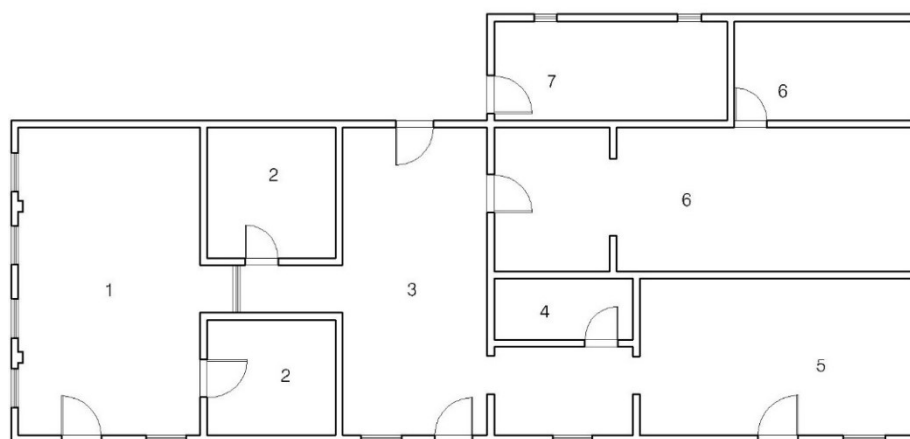
⁴⁰ Local onde cultua-se seus antepassados.



Fonte: Adaptado acervo pessoal da Sociedade de Culto Afro Brasileiro Filhos de Obá, 2016

Na figura 23, representam-se os detalhes do local onde acontece as festas públicas dos *orixás*, sendo o maior e mais destacado da edificação, na qual o número 1 é fonte que fica ao centro do barracão, destacando o ponto que está plantado o *axé* do terreiro; no 2 está o *pepelé* dos atabaques, lugar que ficar os *ogãs*; o ponto 3 se encontra a entrada principal do barracão, que é composto por uma porta na altura 1m, abrindo em 02 folhas e no 5 vemos a mureta que separa o local das outras edificações ao lado.

Figura 22: Edificação apoio da Sociedade da de Culto Afro Brasileiro Filho de Obá



Fonte: Adaptado acervo pessoal da Sociedade de Culto Afro Brasileiro Filhos de Obá, 2016

Legenda da planta da edificação de apoio da Sociedade de Culto Afro Brasileiro Filhos de Obá:

1. Museu comunitário;

2. Quartos;
3. Sala de reunião;
4. Banheiro;
5. Cozinha;
6. Quarto orixás;
7. Sala de apoio.

A edificação de apoio é composta por ambientes que auxiliam o desenvolvimento da Sociedade de Culto Afro Brasileiro Filhos de Obá, onde estão inseridos objetos e assentamentos de *orixás* dos seus antepassados. A construção não sofreu modificações na atualidade. As portas e janelas são uma folha só, que abrem para dentro da edificação, ocupando mais espaço pelo fato de não estarem abrindo em ângulo morto, a sala de reunião é o ambiente que faz ligação com todos os ambientes da casa.

Literalmente, nota-se que as construções da Sociedade se enquadram no que se diz respeito à arquitetura popular, cujas características são visíveis nas estruturas e estéticas de toda comunidade. Uma das particularidades é a simplicidades que representa o uso de materiais adquiridos no meio ambiente, exemplificadas pelas pedras calcárias utilizadas na entrada do terreiro.

A seguir, algumas fotos da Sociedade de Culto Afro Brasileiro Filhos de Obá:

Figura 23: Entrada da Sociedade de Culto Afro Brasileiro Filho de Obá



Fonte: Juliane Barbosa, 2016⁴¹

⁴¹ Explicita-se que todas as imagens foram autorizadas pela respectiva fotógrafa a serem utilizadas no trabalho

Figura 24: Edificação apoio da Sociedade de Culto Afro Brasileiro Filho de Obá



Fonte: Juliane Barbosa, 2016

Figura 25: Barracão da Sociedade de Culto Afro Brasileiro Filho de Obá



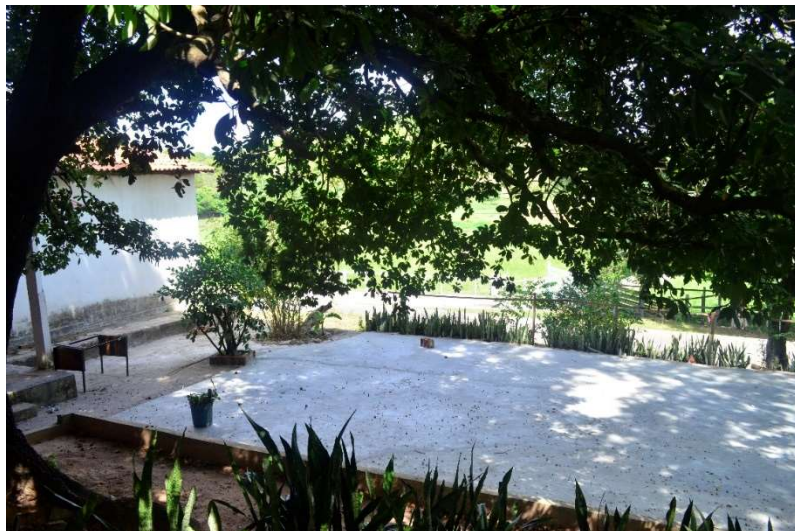
Fonte: Juliane Barbosa, 2016

Figura 26: Museu Comunitário e Barracão da Sociedade de Culto Afro Brasileiro Filho de Obá



Fonte: Juliane Barbosa, 2016

Figura 27: Área de festas da Sociedade de Culto Afro Brasileiro Filho de Obá



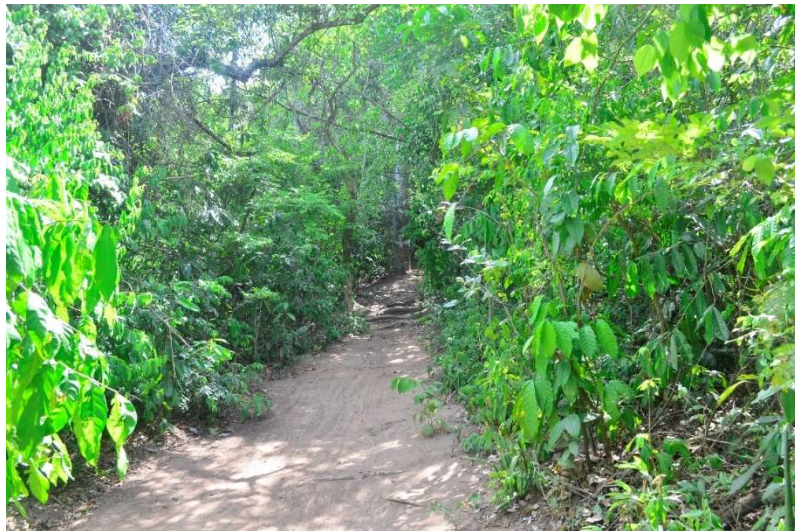
Fonte: Juliane Barbosa, 2016

Figura 28: Início da trilha da Sociedade de Culto Afro Brasileiro Filho de Obá



Fonte: Juliane Barbosa, 2016

Figura 29: Percurso da trilha da Sociedade de Culto Afro Brasileiro Filho de Obá



Fonte: Juliane Barbosa, 2016

Figura 30: Final do percurso da trilha da Sociedade de Culto Afro Brasileiro Filho de Obá



Fonte: Juliane Barbosa, 2016

Figura 31: Espécie arbórea gameleira branca da Sociedade de Culto Afro Brasileiro Filho de Obá



Fonte: Juliane Barbosa, 2016

Figura 32: Vista geral da Sociedade de Culto Afro Brasileiro Filho de Obá



Fonte: Juliane Barbosa, 2016

5 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

O ponto de partida para a elaboração da proposta de intervenção arquitetônica na Sociedade de Culto Afro Brasileiro Filhos de Obá visa proporcionar acessibilidade, identificação do terreiro e espaço de lazer para os frequentadores do local. Sendo assim, a ideia projetual tem como objetivo atender as necessidades da comunidade promovendo espaços e ambientes adequados, respeitando todas as particularidades e exigências da *Ialorixá* responsável.

Assim, o programa de necessidades para a proposta de intervenção foi decida pela responsável da Sociedade de Culto Afro Brasileiro Filhos de Obá, o qual foi seguido cuidadosamente para sanar as dificuldades encontrada pela comunidade para seus cultos religiosos.

Após visitas *in loco* nos espaços existentes no terreiro, notou-se a falta de acessibilidade no acesso principal da comunidade, fazendo com que pessoas da terceira idade e portadores de necessidades físicas não tenham acesso ao local. O espaço de festas da comunidade não tem estrutura mínima para receber seus convidados, por não ter nenhum tipo de cobertura e banheiros para portadores de deficiência físicas. Outro ponto crítico é a trilha que em dois trechos tem altas inclinações, chegando a 34%.

Em outras palavras, a concepção projetual desse trabalho tem o objetivo a integração do ser humano em harmonia no espaço em que vive, já que a simplicidade é algo essencial para dar continuidade a arquitetura existente. Por isso, vale ressaltar, os materiais utilizados têm uma ligação direta com os fundamentos do candomblé e da comunidade, os quais, na grande maioria, são extraídos do local, dialogando com os princípios da sustentabilidade.

Por esta razão, a proposta contará com fachada com identificação do terreiro, rampa de acessibilidade, espaço *ajeum egbgé*, guarda-corpo na trilha, balizadores, minimização de altas inclinações no percurso da trilha e reforma na edificação do barracão existente. Especificando:

- Fachada com identificação do local:

A fachada principal tem como objetivo resgatar a importância da Sociedade de Culto Afro Brasileiro Filhos de Obá no município de Laranjeiras/SE e ser convidativa para a comunidade local e turistas.

O ponto de partida para a elaboração da proposta da fachada deu-se por entrevistas com *Ialorixá* responsável pelo terreiro, a qual auxiliou e citou suas necessidades e segurança

para aquele local. Analisando as informações necessárias, iniciaram-se as pesquisas à procura de referências para poder adotar o partido arquitetônico.

Durante o estudo, apareceram os gradis de Carybé em Salvador/Ba, em especial o do Museu de Arte Moderna da Bahia – MAM, gradil do Terreiro de Candomblé Gantois/BA e painel do Terreiro de candomblé Casa Branca/BA.

Figura 33: Vista do gradil do MAM/BA



Fonte: Férias Brasil, 2016⁴²

Figura 34: Vista do gradil e praça do Terreiro Gantois/BA



⁴² <http://www.feriasbrasil.com.br/ba/salvador/solardounhao.cfm>. Acesso em 05 de janeiro de 2016

Fonte: Iphan Bahia, 2016⁴³

Figura 35: Gradil do Terreiro de Candomblé Casa Branca/BA



Fonte: Último baile, 2016⁴⁴

Partindo dos referenciais e dos conceitos que o Candomblé prega, pensou-se em trazer a natureza para fora da edificação, a contenção existente em pedra calcária será mantida, porém ganhará alguns metros totalizando 2.30m. Para fazer o cobrimento do muro, utiliza-se heras, vegetação que dá vida e não prejudica o muro. Acima do muro será instalado gradis de ferro fundido medindo 5.00x2.00m. A composição dele foi pensado na natureza, como algo abstrato e vai se modificando a cada dia e também no momento de transe entre um adepto do candomblé e seu orixá.

A fachada também conta um acesso principal, o qual direciona as pessoas por onde devem entrar; as paredes, em ângulos de 45°, tem como propósito barrar a visão das pessoas que passam na rua dificultando ver as divindades ali assentadas; após adentrar, depara-se com uma escada e a rampa, ambas levam os convidados até a entrada do barracão.

O letreiro da fachada busca marcar e chamar a atenção das pessoas que passam defronte ao local, fazendo com que os mesmos adentrem. As letras à noite receberão iluminação em super led para o destaque da logo.

⁴³ <http://iphanba.blogspot.com.br/2015/05/festa-no-terreiro-do-gantois-em-salvador.html>. Acesso em 05 de janeiro de 2016.

⁴⁴ Disponível em: <http://www.ultimobaile.com/?p=2029>. Acesso em 05 de janeiro de 2016.

Figura 36: Vista da proposta da fachada



Fonte: Próprio autor, 2016

- Rampa de acessibilidade:

A rampa de acessibilidade visa atender aos portadores de deficiência e idosos que frequentam o terreiro. Por isso adotou-se a $i=8,33\%$ e os critérios da NBR 9050. A jardineira na rampa será uma forma de expor aos visitantes a sua ligação com a natureza e a cultura afro-brasileira.

Figura 37: Vista da proposta da rampa

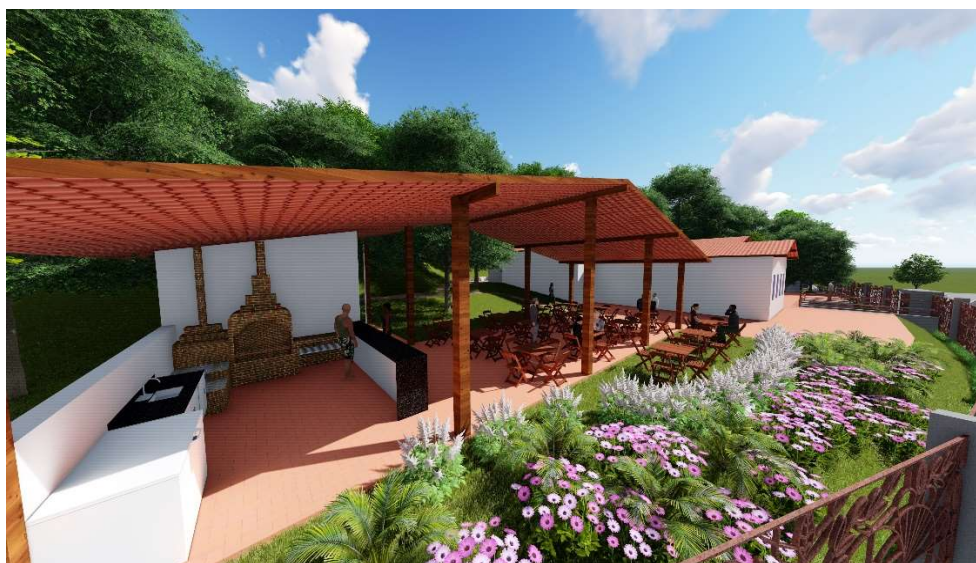


Fonte: Próprio autor, 2016

- Espaço *Ajeum Egbé* (Espaço Comida da Comunidade):

O espaço *ajeum egbé* é o local em que a comunidade, após os cultos aos *orixás*, irá festejar. Assim, dá-se a importância de ter a simplicidade encontrada no restante das edificações. Ainda adotou-se o telhado de duas águas com cobrimento em telha canal e $i=27\%$, o piso será de tijolo maciço, uma forma de resgatar as particularidades do candomblé. A cozinha contará com uma pia com uma cuba, fogão a lenha, churrasqueira, armário, balcão e um espaço livre para que possa, em grandes festas, colocar freezer. Nessa mesma estrutura encontra-se os lavabos, que são adaptados para portadores de necessidades especiais e conta com bancada de uso coletivo fora. Faz parte da composição desse ambiente um jardim que fica defronte ao espaço e conta com vegetações como lança de ogum, costa de dão e espada de são Jorge, plantas essas que são encontrados nos terreiros de candomblé. Faz parte também desse ambiente a parte mobiliária como mesas e cadeiras para desfrutar a vista local.

Figura 38: Vista da proposta do espaço ajeum egbé



Fonte: Próprio autor, 2016

- Trilha: Escada e Guarda-corpo:

Por ser um local religioso e importante para a comunidade, a reserva florestal conta com assentamentos de alguns *Orixás*, como a casa de *Egum*. Dentro dessa reserva encontra-se uma trilha que é percorrida pelos filhos de santo da casa e por visitantes, que vão ao local para entender um pouco da história da casa.

No percorrer da trilha esbara-se com alguns trechos com altas inclinações. Para minimizar essas atividades, adotou-se uma escadaria em dois trechos que tem as maiores declividades chegando a $i=34\%$. Afim de resolver o problema pensou-se em fazer essas escadarias em tijolo maciço, forma essa de não impactar a trilha, pois o local é utilizado como espaço religioso, lugar que celebra seus antigos habitantes.

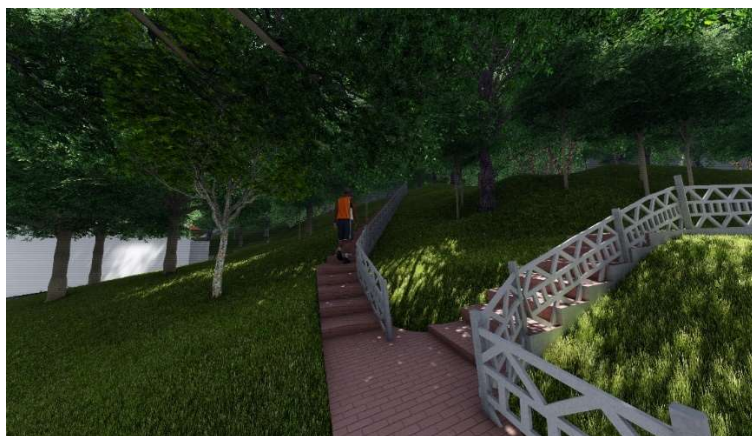
As escadas são compostas por degraus com patamar de 50cm e espelhos de 17cm e tem a finalidade de quebrar um pouco essas inclinações, mas não são acessíveis a todos portadores de necessidades especiais.

O guarda-corpo é o mobiliário que se encontra em toda trilha. Seu conceito partiu das pinturas indígenas e dos caboclos⁴⁵ que ali são cultuados. Está apenas do lado direito da trilha pelo fato de ser também local de culto. Nos assentamentos que o guarda-corpo passa em frente têm cancelas de duas folhas, totalizando a abertura de 1m para que os praticantes tenham o acesso sem dificuldades. Tendo em vista as caminhadas noturnas, foram empregados balizadores que ajudam a sinalizar a trilha.

Para identificação dos assentamentos e aldeias foram utilizadas placas informativas.

Ademais, todo material utilizado na composição da intervenção da trilha é natural. O guarda-corpo e as placas informativas serão de madeira tratada porque o local onde vai ser inserido tem praga de cupins, os balizadores com altura de 0,75 m, locados a cada 4m e com sensor de presença, e os tijolos maciços podem ser feitos com o barro da própria comunidade.

Figura 39: Vista da proposta da escadaria e guarda-corpo da trilha



Fonte: Próprio autor, 2016

⁴⁵ Caboclo significa mestiço de Branco com Índio mas, na percepção umbandista, refere-se aos indígenas que em épocas remotas habitaram diversas partes do planeta, como civilizações aparentemente primitivas, mas na realidade de grande sabedoria. Espíritos que, embora em sua encarnações tenham vivido em outros países, identificam-se espiritualmente na vibração dos Caboclos, como por exemplo, os índios Americanos, os Astecas, os Maias, os Incas e demais indígenas que povoaram a América do Sul (TEMPLO UMBANDISTA A CAMINHO DA LUZ, 2016).

- Reforma no barracão existente:

A edificação do barracão existente não segue a mesma linguagem da arquitetura predominante no local. Portanto, algumas alterações na edificação do barracão possam ajustar-se com as suas demais construções, fazendo criar uma harmonia entre elas.

Assim, a substituição de platibanda por telhado com telha canal resgata toda simplicidade e história daquele local, seguindo o ritmo das demais. Além disso, retirou-se o toldo da porta de entrada do barracão, propondo um segundo telhado para proteger do sol e chuva.

Também utilizou-se frisos com o objetivo de quebrar a horizontalidade e ao mesmo tempo destacar a edificação principal. Outro item importante de mencionar é o uso de basculantes de vidro na fachada principal da edificação. A troca do material de vidro por madeira dá à edificação a linguagem de apoio, pois esses basculantes estão em ambientes de acesso restrito, não podendo entrar nem visualizar o que tem dentro.

Por fim, a pavimentação da entrada do *barracão* será toda em tijolo maciço, seguindo toda simplicidade que foi implantada no decorrer da proposta de intervenção.

Figura 40: Vista da proposta de reforma do barracão existente



Fonte: Próprio autor, 2016

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de intervenção arquitetônica na Sociedade de Culto Afro Brasileiro Filhos de Obá revelou-se de grande importância para o entendimento das particularidades e do funcionamento de comunidades de terreiro de candomblé. Vale ressaltar que tal proposta não possui caráter conclusivo, tendo em vista que a dinamicidade da realidade pode criar novas necessidades que requererão adequações e mudanças no projeto atual.

O ponto de partida para a elaboração da intervenção arquitetônica nessa comunidade teve como referência outros terreiros de candomblé de Salvador/BA. As bibliografias utilizadas durante a pesquisa auxiliaram um melhor entendimento da construção, da implantação e do funcionamento de um terreiro de Candomblé.

Dessa forma, a proposta projetual desse trabalho teve como elemento basilar o respeito as particularidades da comunidade e do culto aos *orixás*. Em virtude disso, todas as etapas foram minuciosamente pensadas para que tivessem elementos que se interligassem com a ideologia que a religião afro-brasileira prega, a exemplo do culto à natureza, e também que respeitasse a arquitetura existente, de forma a não descaracterizar o local.

Por fim, enaltece-se a riqueza de conhecimentos adquiridos durante todo o processo de elaboração desse estudo, pois houve a possibilidade de conhecer mais profundamente a temática da religião Candomblé e suas particularidades. Por outro lado, o presente trabalho objetivou contribuir para a valorização dessa religião e em especial da Sociedade de Culto Afro Brasileiro Filhos de Obá. Ademais, a possível futura execução do projeto poderá ser de grande valia para o incremento no roteiro do turismo local e, conseqüentemente, para o desenvolvimento socioeconômico da comunidade.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Janaina Couvo Teixeira Maia de. **O AXÉ E O LUGAR DA MEMÓRIA: a contribuição do Abaça São Jorge para a constituição de um Museu Comunitário**. Trabalho final de graduação, 2015

ALMEIDA, Yuri. **Religião no Brasil**. Artigo. Disponível em: <http://bloghistoriacritica.blogspot.com.br/2009/11/religiao-no-brasil.html>. Acesso em 07 de Outubro de 2015

BARROS, Edimilson Celestino de. **RAÍZES DO CANDOMBLÉ E AS RELAÇÕES DE PODER E PARENTESCO NO CENTRO DE CULTO AFRO BRASILEIRO FILHOS DE OBÁ - LARANJEIRAS/SE**. Trabalho final de graduação, 2010

BARROS, Jose Flavio Pessoa de. **O segredo das folhas: sistema de classificação de vegetais no candomblé jêje-nago do Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, UERJ, 1993

BASTIDE, Roger. **O Candomblé da Bahia: rito nagô**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001

CARNEIRO, Edison. **Candomblés da Bahia**. 3.ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1961

DOURADO, Odete. **Antigas falas, novas aparências: o tombamento do Ilê Axé Iyá Nassô Oká e a preservação dos bens patrimoniais no Brasil**. Artigo, 2011

DINIZ, João. **A Casa Invisível: Fragmentos sobre a arquitetura popular no Brasil**. Artigo. Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/01-60177/a-casa-invisivel-fragmentos-sobre-a-arquitetura-popular-no-brasil-joao-diniz>. Acesso em 06 de Fevereiro de 2016

EVANGELSTA, Daniela Ferreira. **Fundando um axé: reflexão sobre o processo de construção de um terreiro de candomblé**. Artigo, 2015

LEAL, Vanessa Cavalcanti Vargas; OLIVEIRA, Ana Karina Rocha de. **Um modo de fazer museu em comunidade: a experiência coletiva de trabalho museográfico no Terreiro Filhos de Obá**. Artigo, 2015

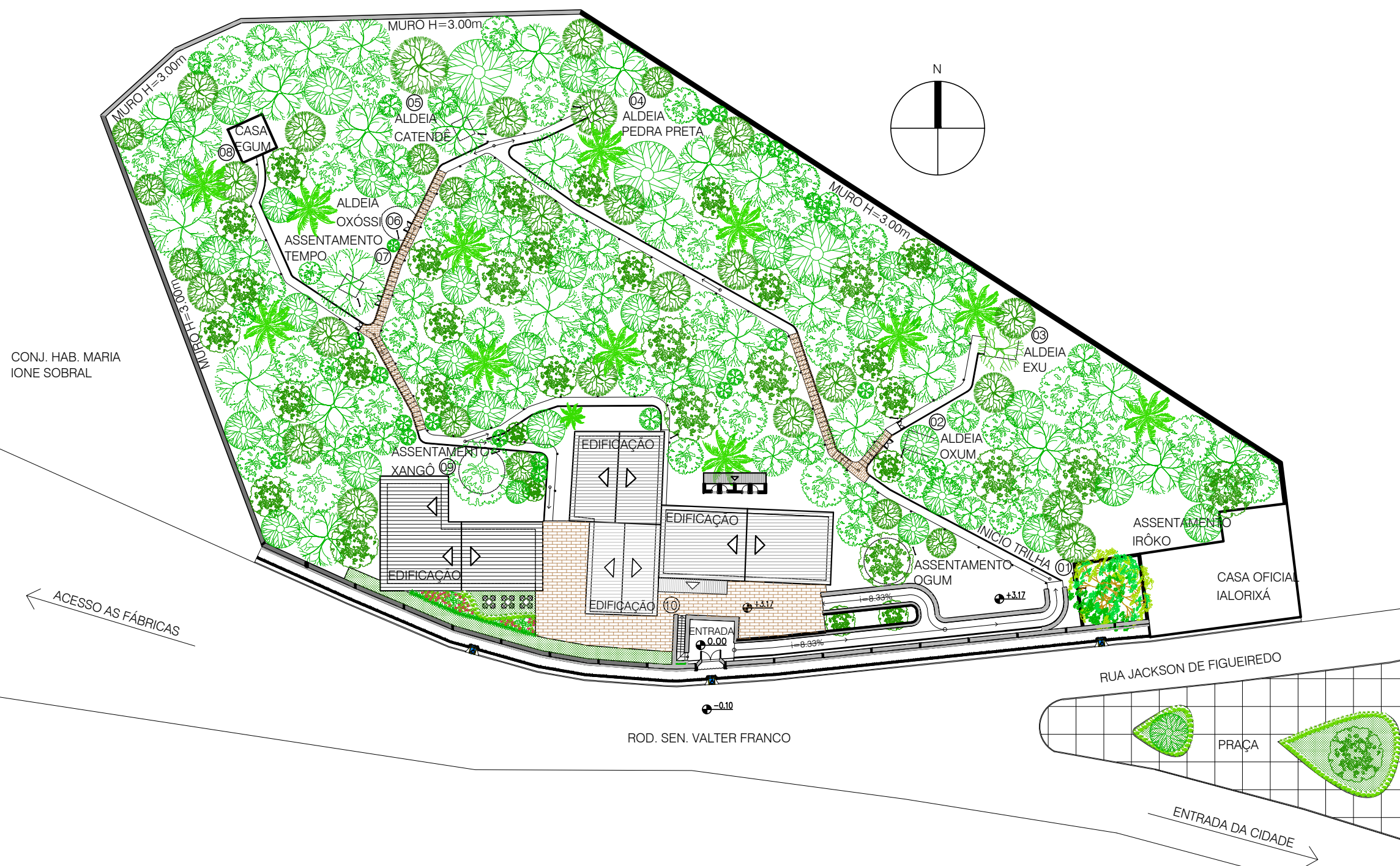
RAMOS, Fábio Pestana. **Religião e Religiosidade no Brasil**. Artigo. Disponível em: <http://fabiopestanaramos.blogspot.com.br/2010/08/religiao-e-religiosidade-no-brasil.html>. Acesso em 06 de Outubro de 2015

SANT'ANNA, Marcia. **Arquitetura Popular: Espaços e Saberes**. Disponível em: http://www.arqpop.arq.ufba.br/sites/arqpop.arq.ufba.br/files/arquitetura_popular_espacos_e_saberes_agosto_2014.pdf. Acesso em 18 de novembro de 2015. Acesso em 18 de novembro de 2015

VELAME, Fábio Macedo. **Arquiteturas de árvores e árvores arquitetônicas: arquiteturas dos terreiros de candomblé de Cachoeira e São Félix instaurada pela natureza sacralizada.** Artigo. Disponível em: <http://www.abpn.org.br/Revista/index.php/edicoes/article/viewArticle/435>. Acesso em 01 de Março de 2015

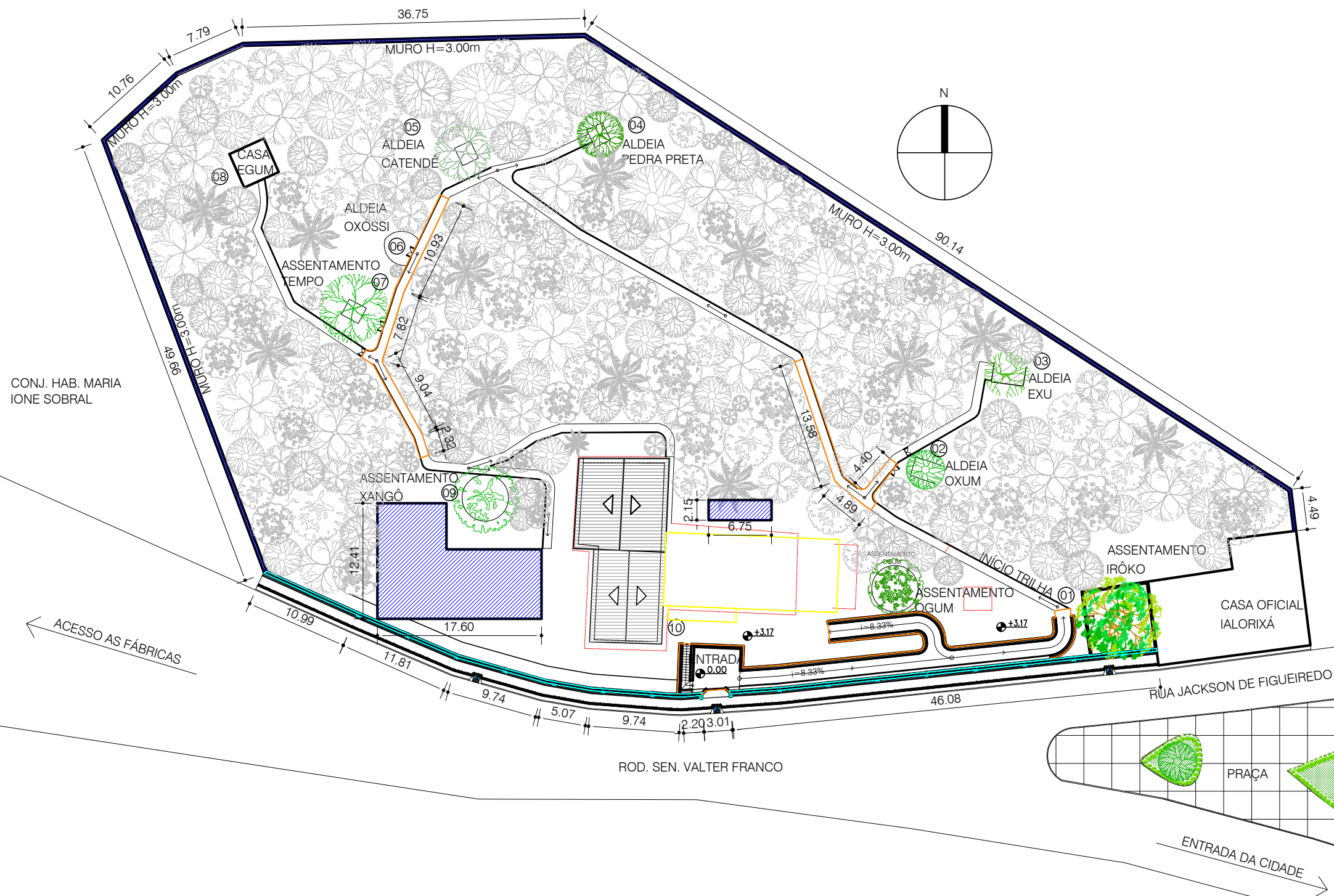
ZAMBUZZI, Mabel. **O espaço material e imaterial do candomblé na Bahia: O que é e como proteger?.** Tese mestrado, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/12075/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Mabel%20Zambuzzi.pdf>. Acesso em 15 de dezembro de 2015

APÊNDICE – PRANCHAS DE PROJETO



PLANTA BAIXA
IMPLANTAÇÃO
ESC.: 1/500

QUADRO DE ÁREA	
ÁREA DO TERRENO TRABALHADO	5.968,91m²



LEGENDA

	A MANTER
	A DEMOLIR
	A CONSTRUIR
	A CONSTRUIR INFRAESTRUTURA COM ACESSIBILIDADE
	A CONSTRUIR MURO DE CONTENÇÃO
	A CONSTRUIR TELHADO

FILHOS DE OBÁ

TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO - 2015.2

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - UFS

AUTOR
ALYSSON RODRIGUES DE LIMA

IMPLANTAÇÃO PROPOSTA

ENDEREÇO DO PROJETO
RUA JACKSON DE FIGUEIREDO, S/N, LARANJEIRAS/SE

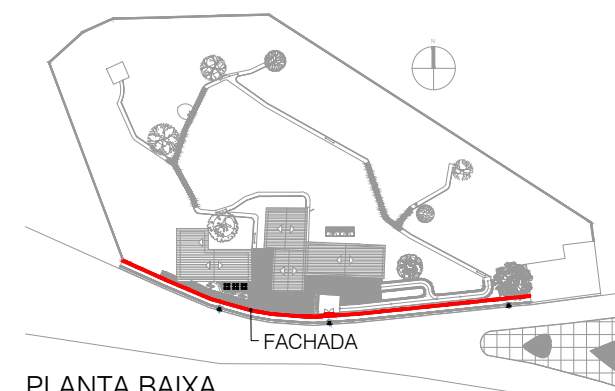
DATA
09/05/2016

ESCALA
1/500

03/15



VISTA GERAL
FACHADA
ESC.: 1/200



PLANTA BAIXA
LOCALIZAÇÃO
ESC.: SEM ESCALA

TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO - 2015.2

FILHOS DE OBÁ UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - UFS

CONTEÚDO
VISTA GERAL DA FACHADA PRINCIPAL

ENDEREÇO DO PROJETO
RUA JACKSON DE FIGUEIREDO, S/N, LARANJEIRAS/SE

DATA
09/05/2016

AUTOR
ALYSSON RODRIGUES DE LIMA

ESCALA
1/200

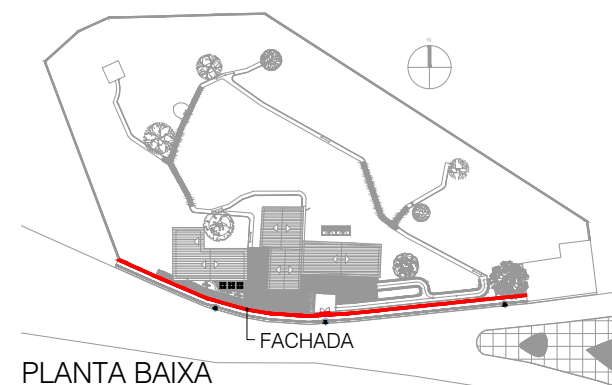
04/15



VISTA APROXIMADA
FACHADA
ESC.: 1/100



DET. 01
GRADIL
ESC.: 1/50



PLANTA BAIXA
LOCALIZAÇÃO
ESC.: SEM ESCALA

FILHOS DE OBA

CONTEÚDO
VISTA APROXIMADA DA FACHADA PRINCIPAL E DETALHE DO GRADIL

ENDEREÇO DO PROJETO
RUA JACKSON DE FIGUEIREDO, S/N, LARANJEIRAS/SE
DATA
09/05/2016

TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO - 2015.2

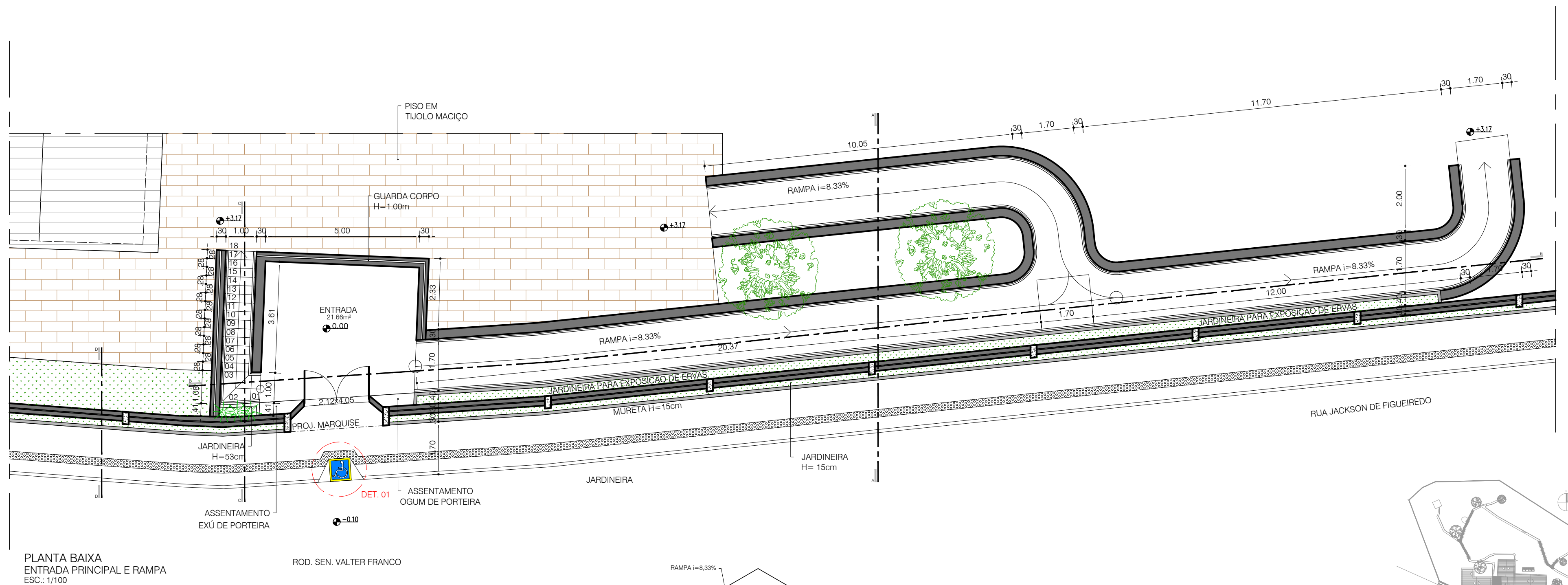
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - UFS

AUTOR
ALYSSON RODRIGUES DE LIMA

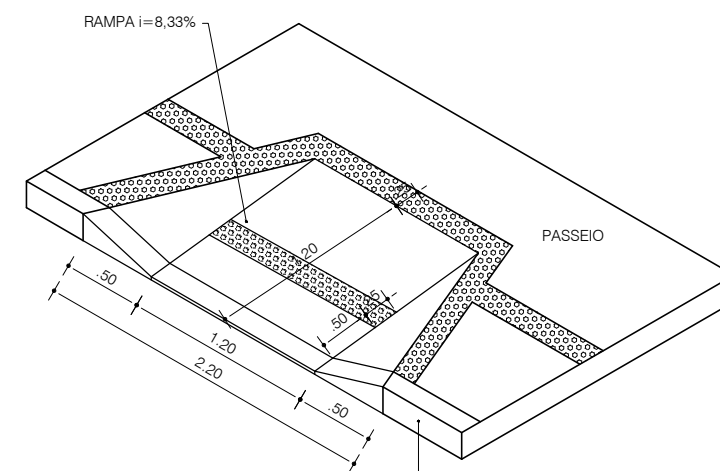
ESCALA
1/200



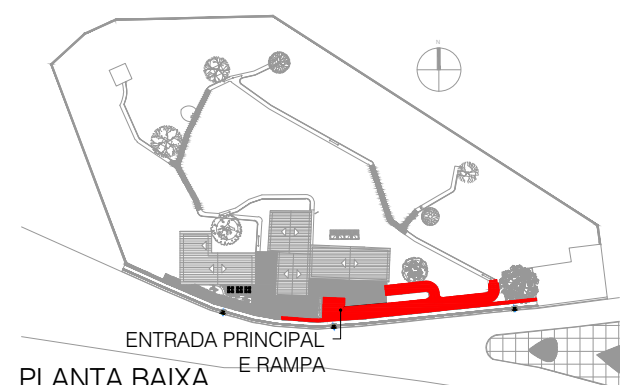
05/15



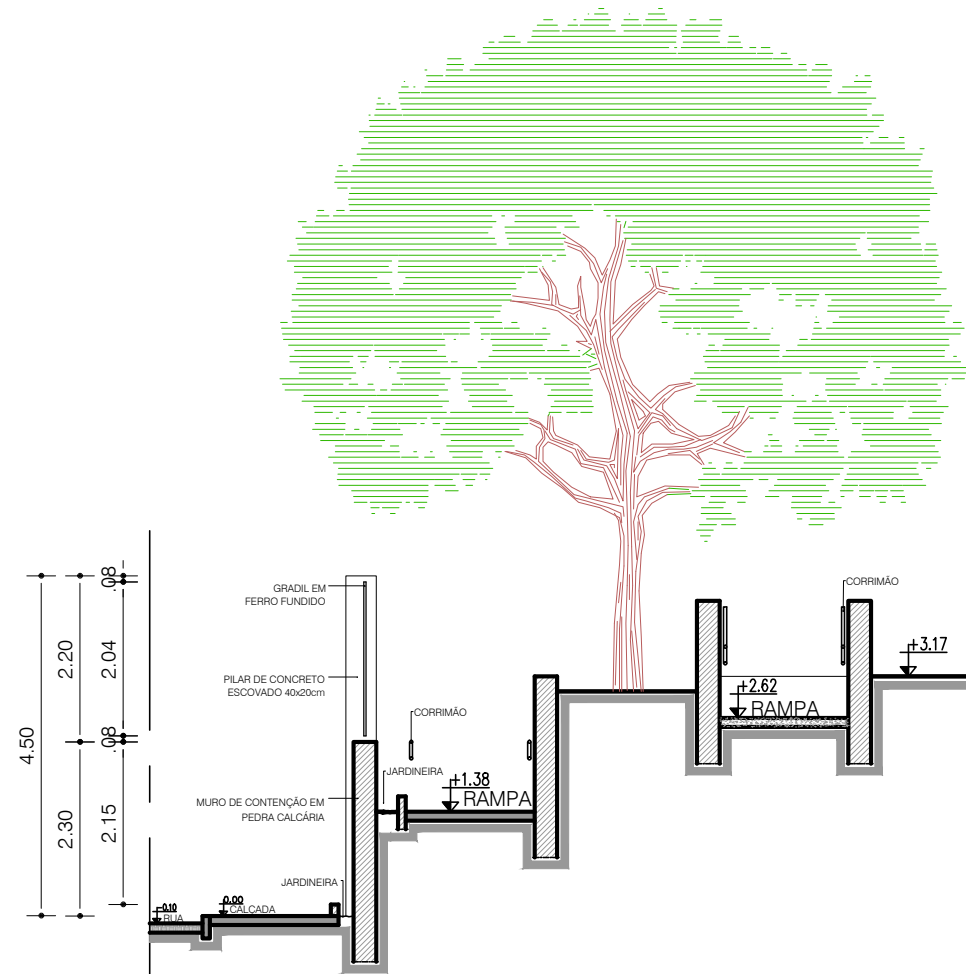
PLANTA BAIXA
ENTRADA PRINCIPAL E RAMPA
ESC.: 1/100



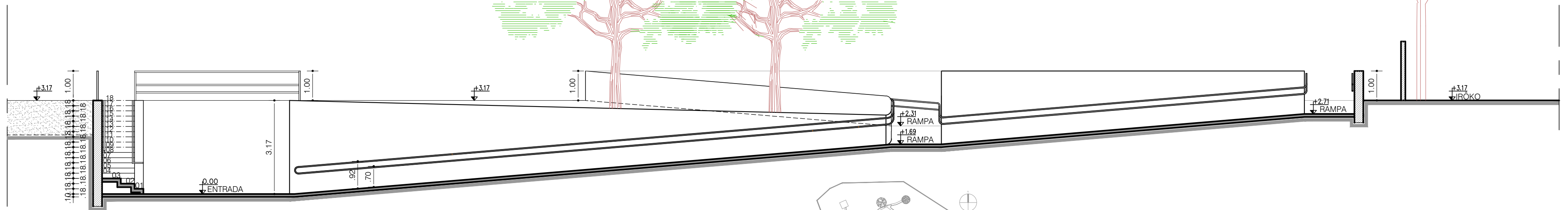
DET. 01
ISOMÉTRICO RAMPA CALÇADA
ESC.: SEM ESCALA



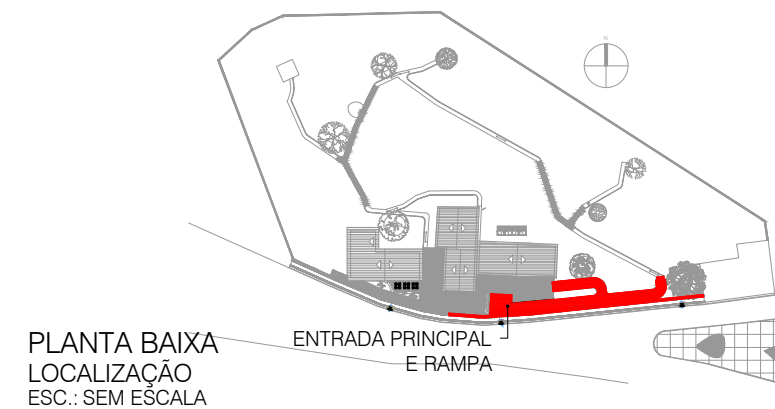
PLANTA BAIXA
LOCALIZAÇÃO
ESC.: SEM ESCALA



CORTE AA
RAMPA
ESC.: 1/100



CORTE BB
ESCALA E RAMPA
ESC.: 1/100



PLANTA BAIXA
LOCALIZAÇÃO
ESC.: SEM ESCALA

TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO - 2015.2

FILHOS DE OBRA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - UFS

AUTOR
ALYSSON RODRIGUES DE LIMA

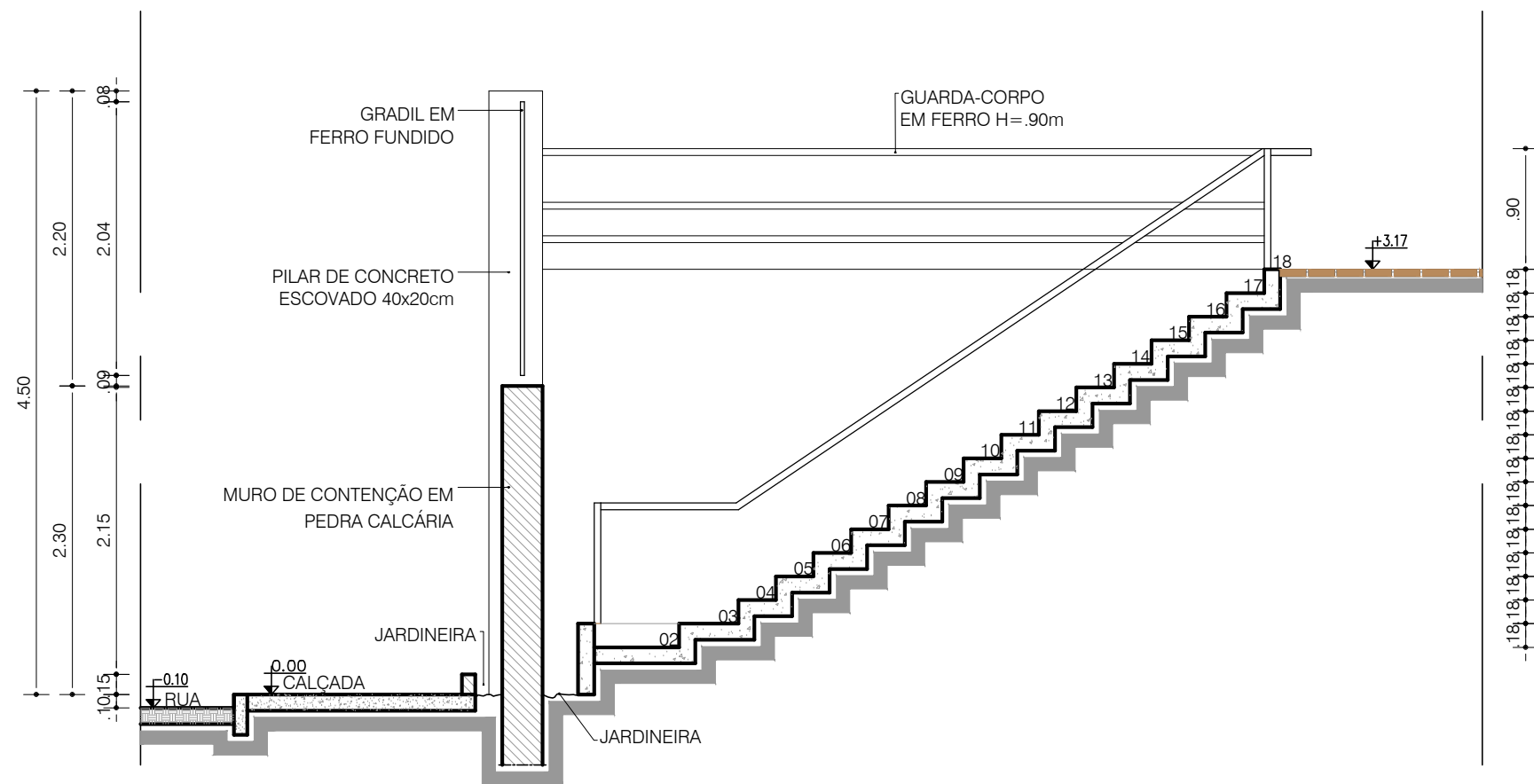
CONTEÚDO
CORTES AA E BB ENTRADA PRINCIPAL E RAMPA

ENDEREÇO DO PROJETO
RUA JACKSON DE FIGUEIREDO, S/N, LARANJEIRAS/SE

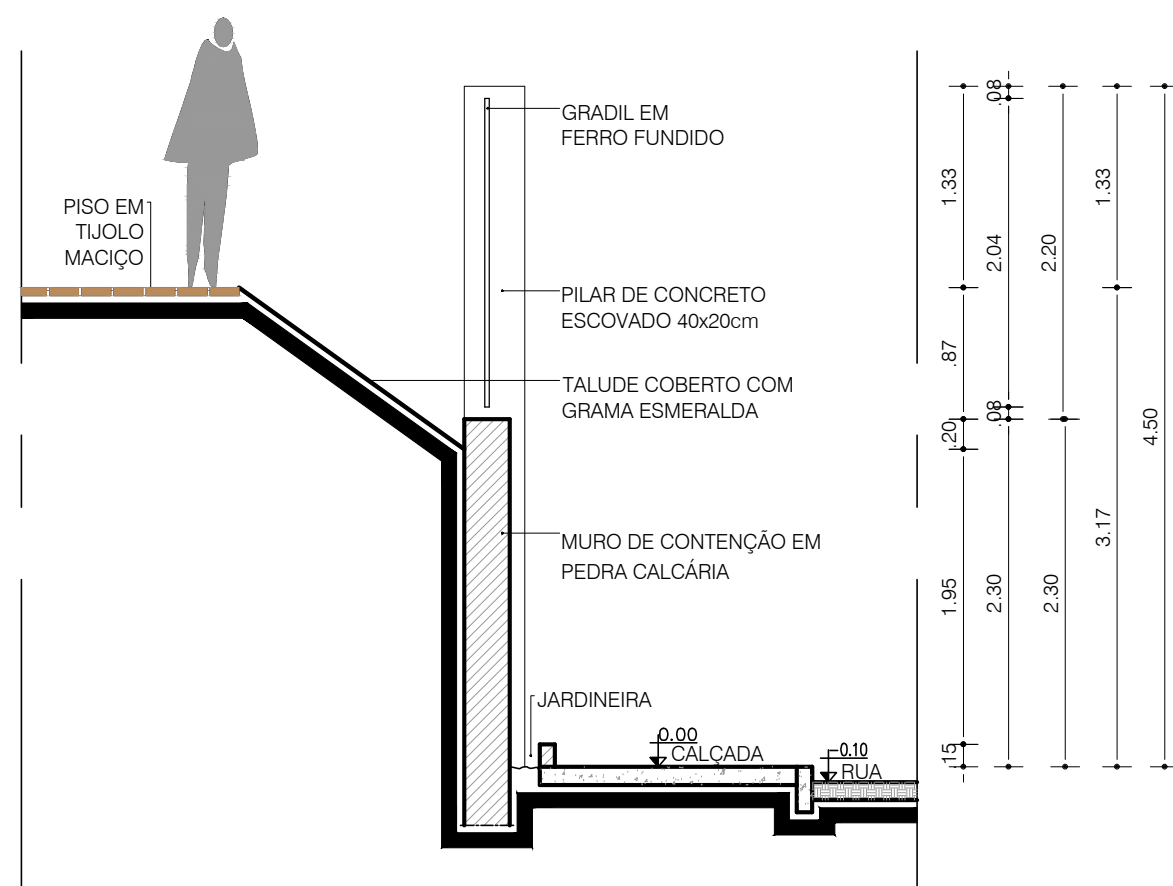
DATA
09/05/2016

ESCALA
1/100

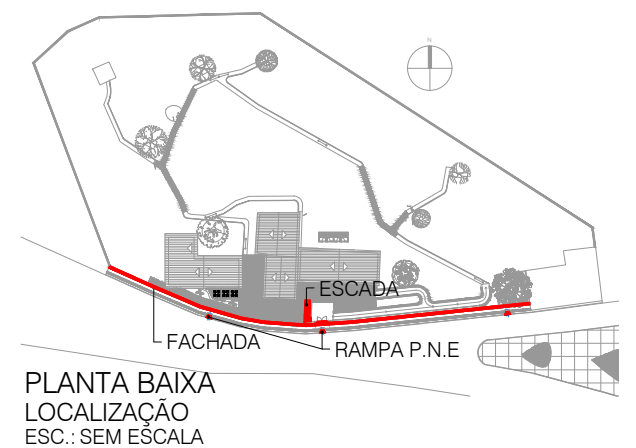
07/15



CORTE CC
ESCADA
ESC.: 1/50



CORTE DD
FACHADA
ESC.: 1/50



FILHOS DE OBÁ

TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO - 2015.2

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - UFS

AUTOR
ALYSSON RODRIGUES DE LIMA

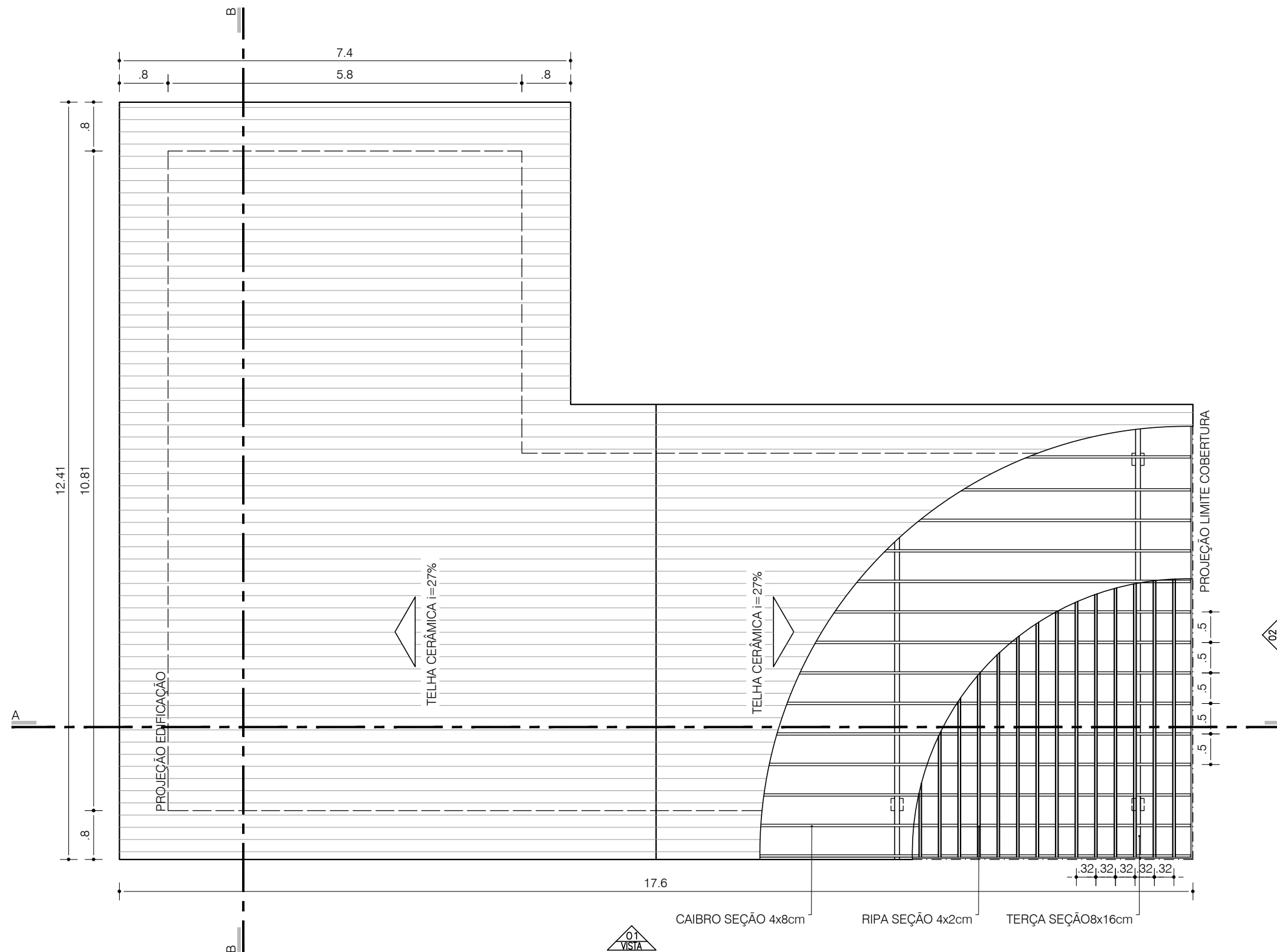
CONTEÚDO
CORTES CC E DD DA ENTRADA PRINCIPAL E RAMPA

ENDEREÇO DO PROJETO
RUA JACKSON DE FIGUEIREDO, S/N, LARANJEIRAS/SE

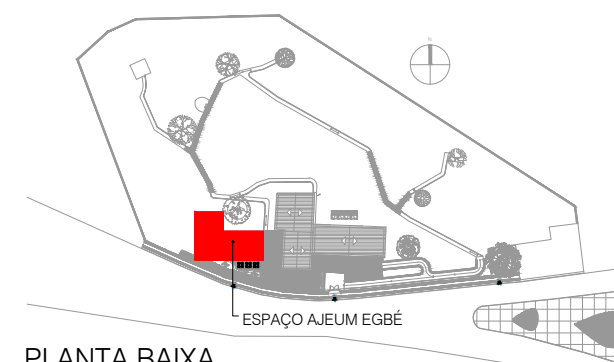
DATA
09/05/2016

ESCALA
1/50

08/15



PLANTA DE COBERTURA
ESPAÇO AJEUM EGBÉ
ESC.: 1/75



PLANTA BAIXA
LOCALIZAÇÃO
ESC.: SEM ESCALA

FILHOS DE OBÁ

TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO - 2015.2

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - UFS



AUTOR
ALYSSON RODRIGUES DE LIMA

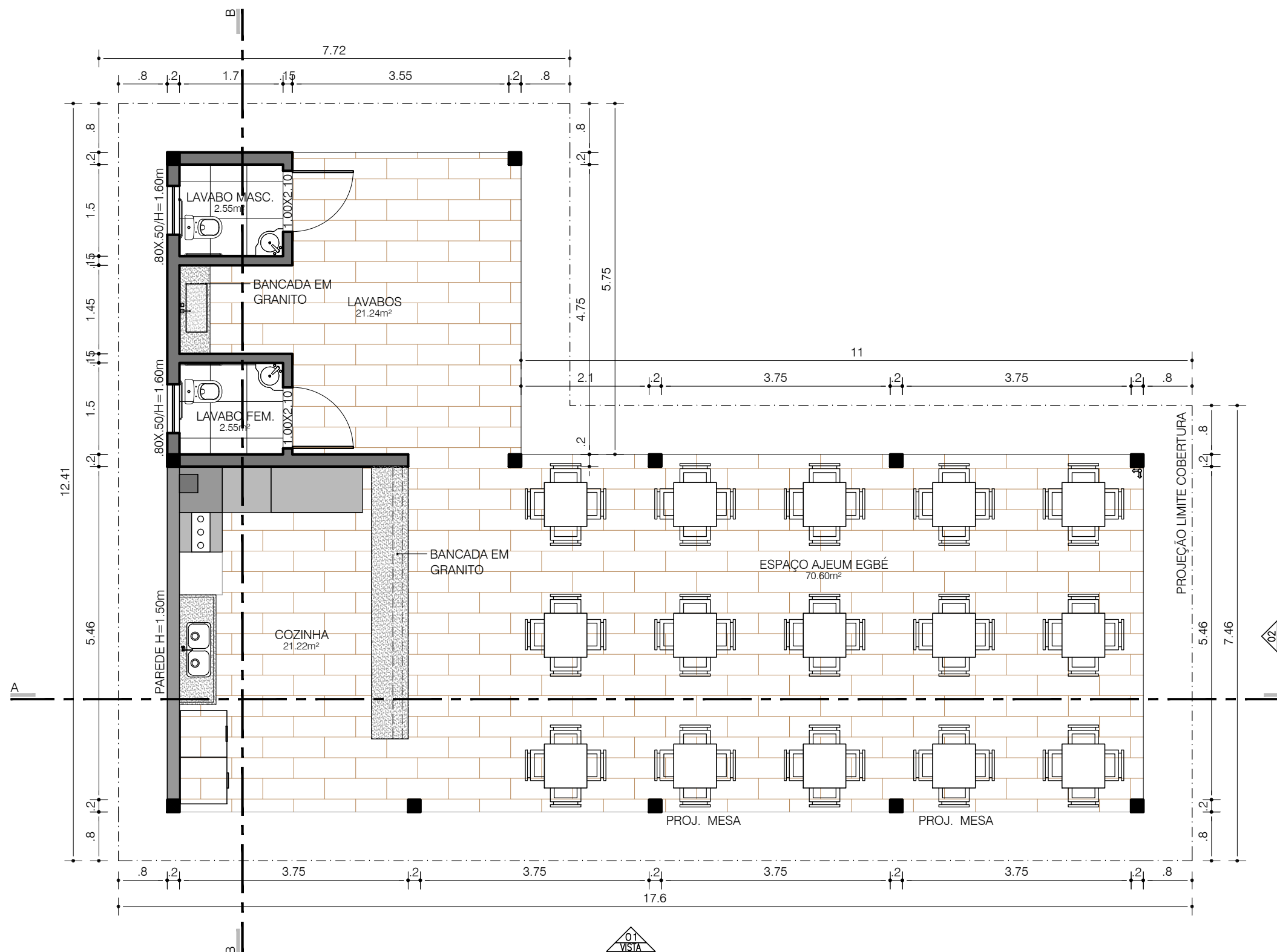
CONTEÚDO
PLANTA DE COBERTURA ESPAÇO AJEUM EGBÉ

ENDEREÇO DO PROJETO
RUA JACKSON DE FIGUEIREDO, S/N, LARANJEIRAS/SE

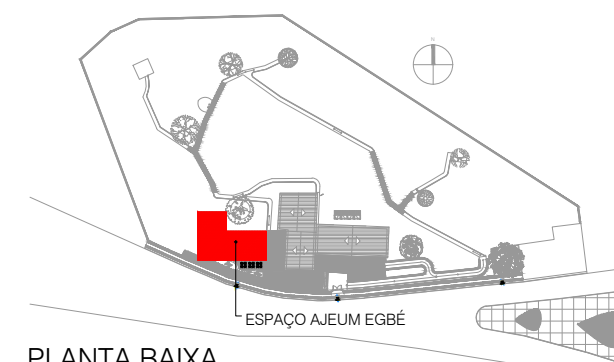
DATA
09/05/2016

ESCALA
1/75

09/15



PLANTA BAIXA
ESPAÇO AJEUM EGBÉ
ESC.: 1/75



PLANTA BAIXA
LOCALIZAÇÃO
ESC.: SEM ESCALA

FILHOS DE OBÁ

TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO - 2015.2

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - UFS



AUTOR
ALYSSON RODRIGUES DE LIMA

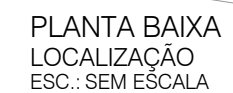
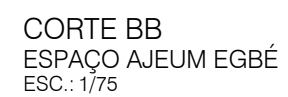
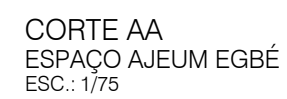
CONTEÚDO
PLANTA BAIXA DO ESPAÇO AJEUM EGBÉ

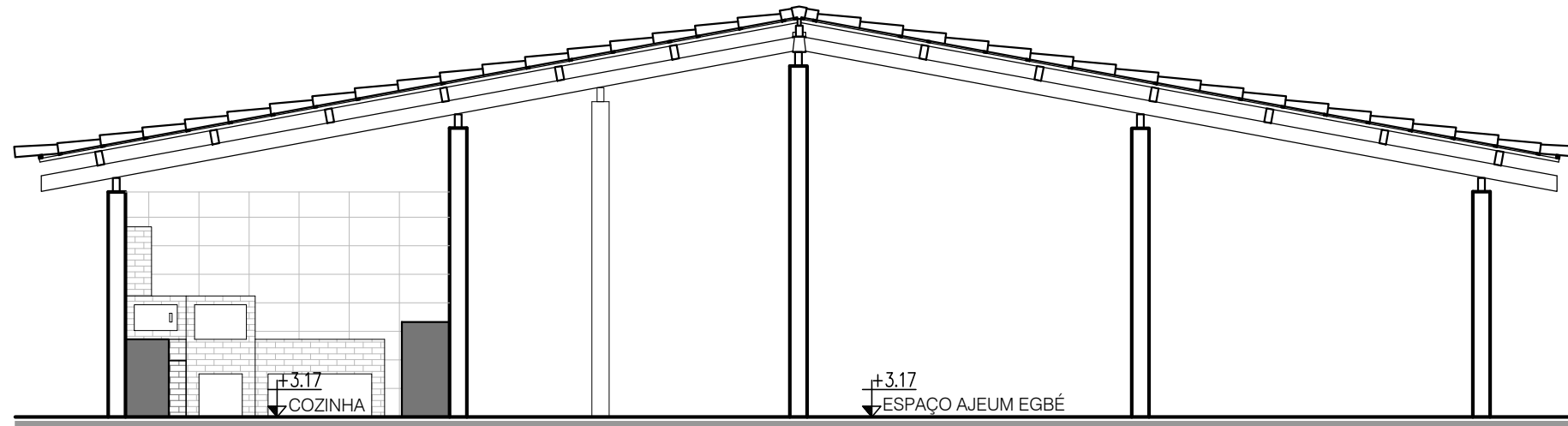
ENDEREÇO DO PROJETO
RUA JACKSON DE FIGUEIREDO, S/N, LARANJEIRAS/SE

DATA
09/05/2016

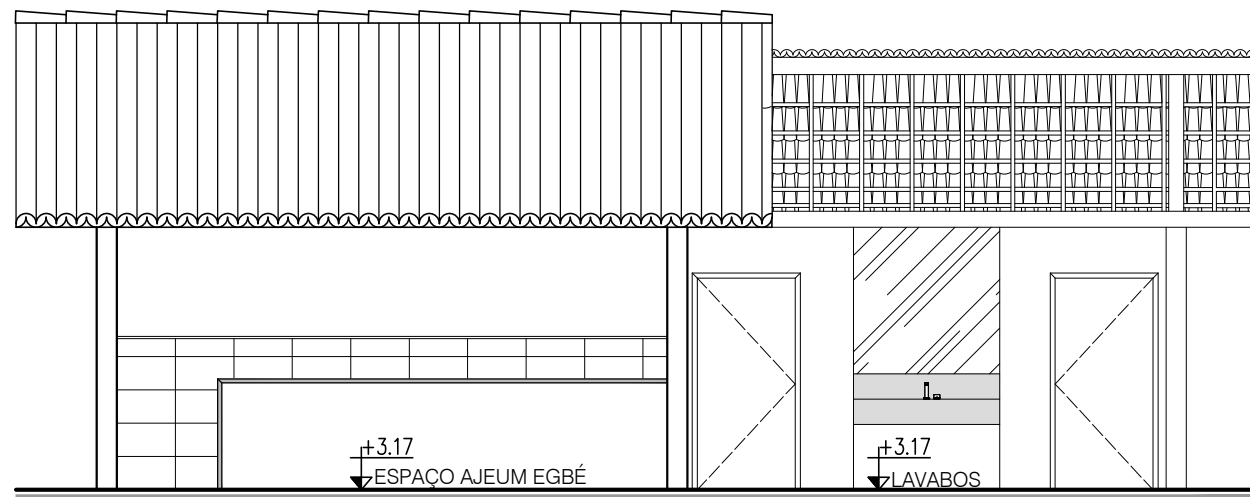
ESCALA
1/75

10/15

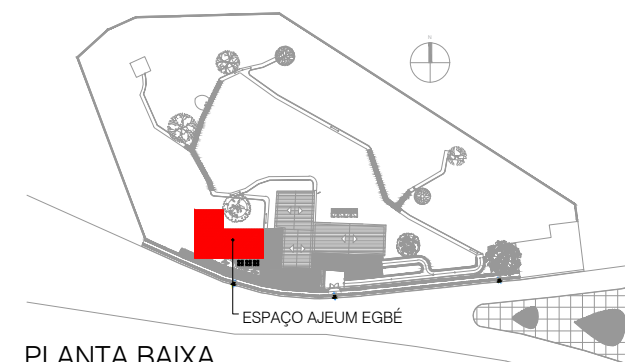




VISTA 01
ESPAÇO AJEUM EGBÉ
ESC.: 1/75



VISTA 02
ESPAÇO AJEUM EGBÉ
ESC.: 1/75



PLANTA BAIXA
LOCALIZAÇÃO
ESC.: SEM ESCALA

FILHOS DE OBÁ

TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO - 2015.2

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - UFS

AUTOR
ALYSSON RODRIGUES DE LIMA

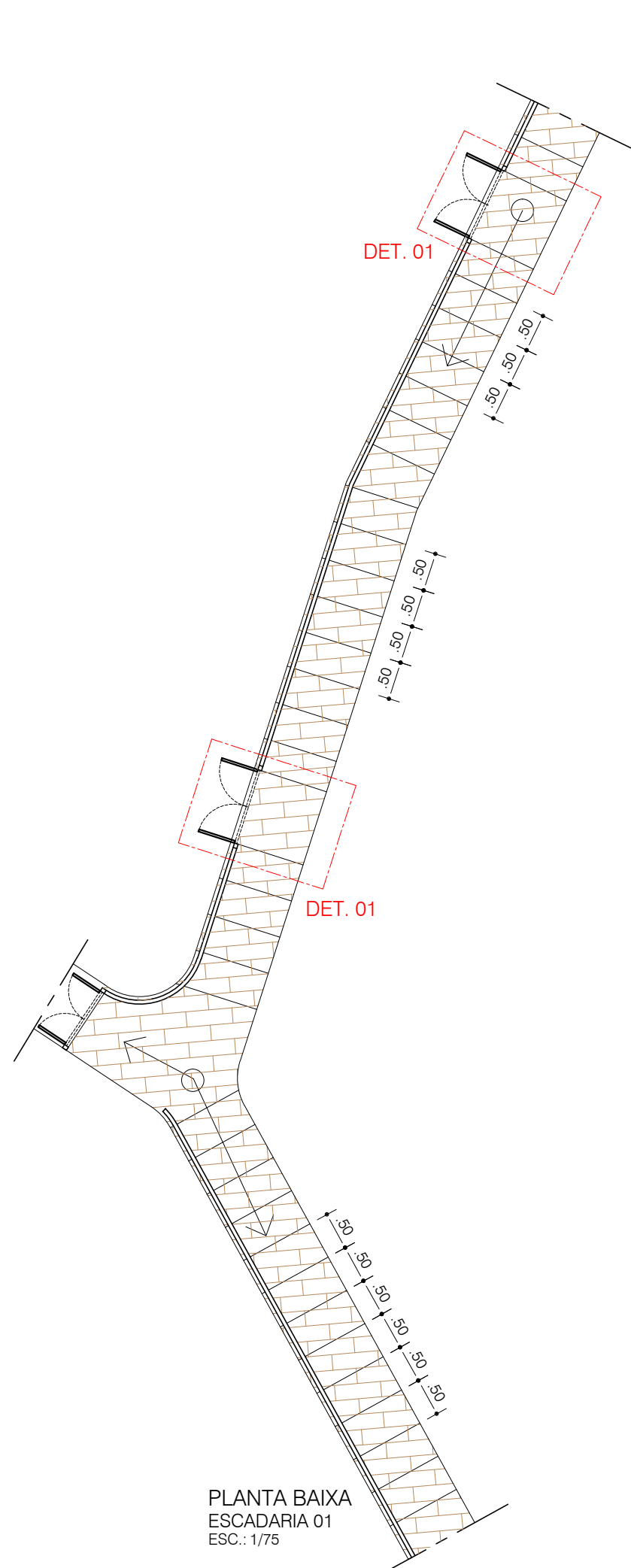
CONTEÚDO
VISTAS 01 E 02 DO ESPAÇO AJEUM EGBÉ

ENDEREÇO DO PROJETO
RUA JACKSON DE FIGUEIREDO, S/N, LARANJEIRAS/SE

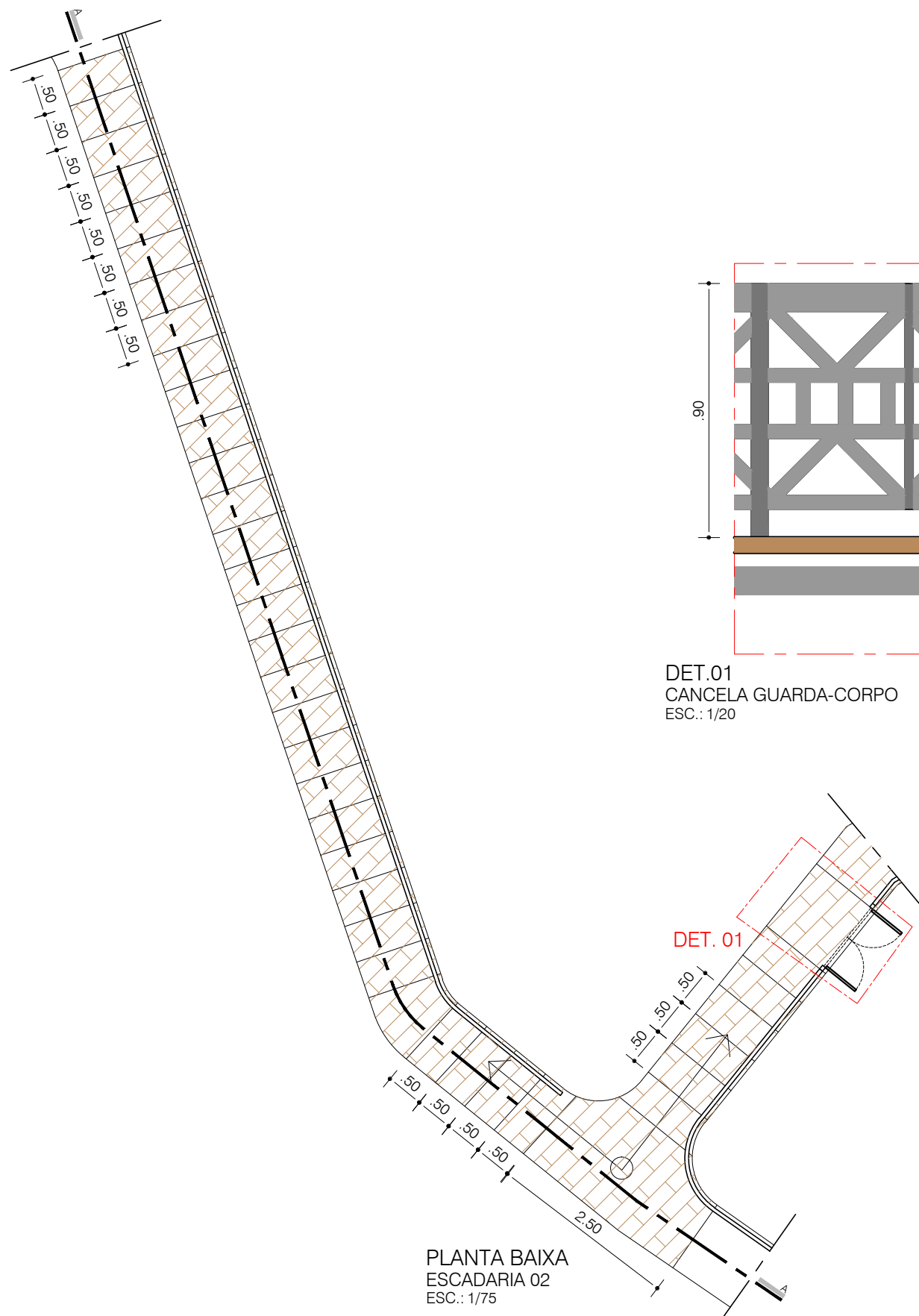
DATA
09/05/2016

ESCALA
1/75

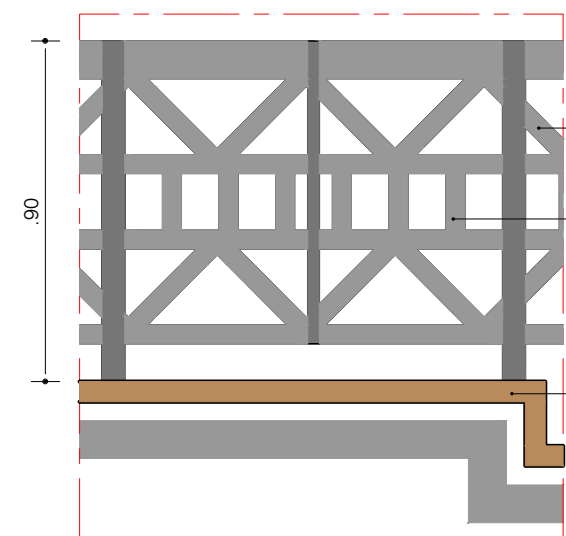
12/15



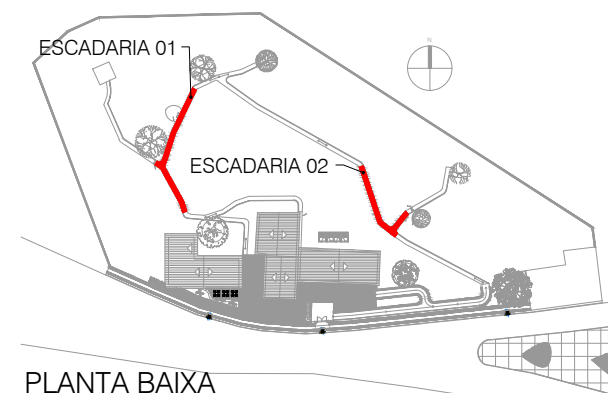
PLANTA BAIXA
ESCADARIA 01
ESC.: 1/75



PLANTA BAIXA
ESCADARIA 02
ESC.: 1/75



DET.01
CANCELA GUARDA-CORPO
ESC.: 1/20



PLANTA BAIXA
LOCALIZAÇÃO
ESC.: SEM ESCALA

FILHOS DE OBRA

TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO - 2015.2

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - UFS

AUTOR
ALYSSON RODRIGUES DE LIMA

CONTEÚDO

PLANTA BAIXA DA ESCADARIA 01 E 02 TRILHA

ENDEREÇO DO PROJETO

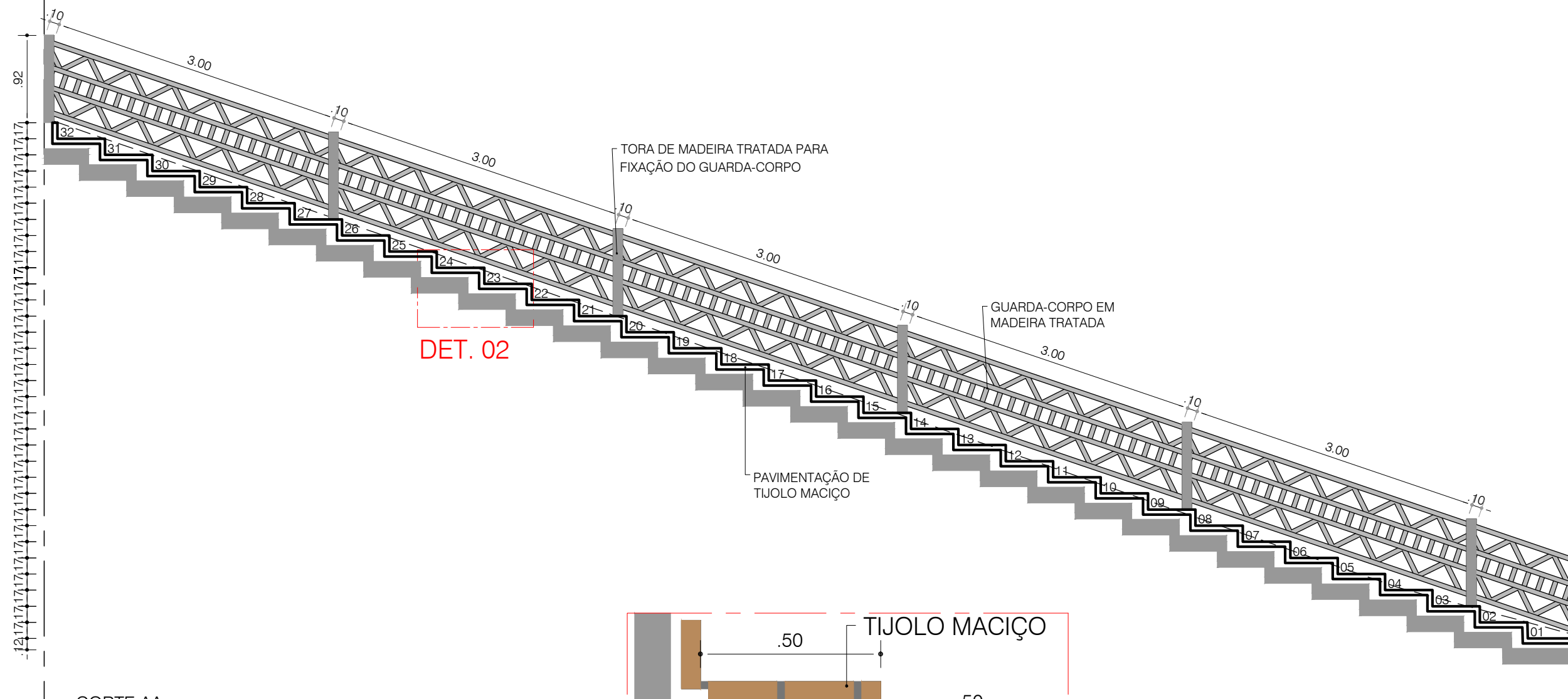
RUA JACKSON DE FIGUEIREDO, S/N, LARANJEIRAS/SE

DATA

09/05/2016

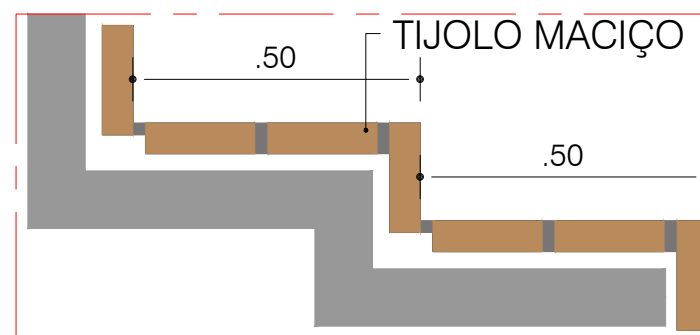
ESCALA

1/50

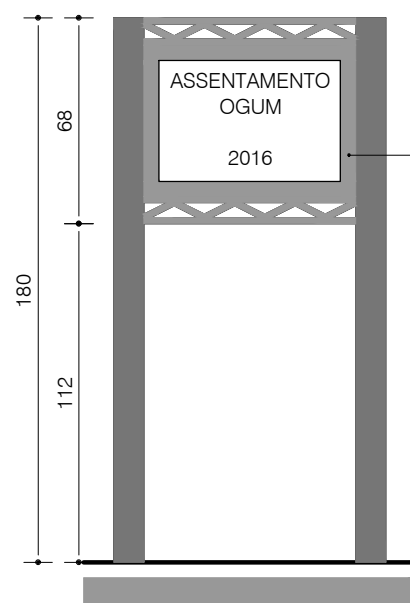


DET. 02

CORTE AA
ESCADARIA 01
ESC.: 1/50

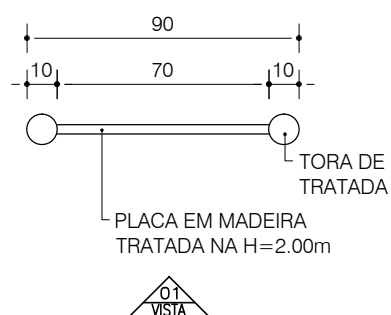


DET.02
PATAMAR
ESC.: SEM ESCALA

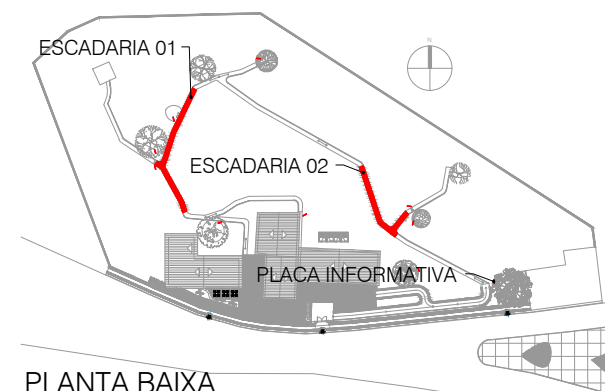


VISTA 01
PLACA INFORMATIVA
ESC.: 1/25

PLACA EM MADEIRA
TRATADA NA H=2.00m



PLANTA BAIXA
PLACA INFORMATIVA
ESC.: 1/25



PLANTA BAIXA
LOCALIZAÇÃO
ESC.: SEM ESCALA

FILHOS DE OBRA

TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO - 2015.2

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - UFS

AUTOR
ALYSSON RODRIGUES DE LIMA

CONTEÚDO
CORTE AA DA ESCADARIA E DETALHE DAS PLACAS INFORMATIVAS

ENDEREÇO DO PROJETO
RUA JACKSON DE FIGUEIREDO, S/N, LARANJEIRAS/SE

DATA
09/05/2016

ESCALA
1/50

14/15

